BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA

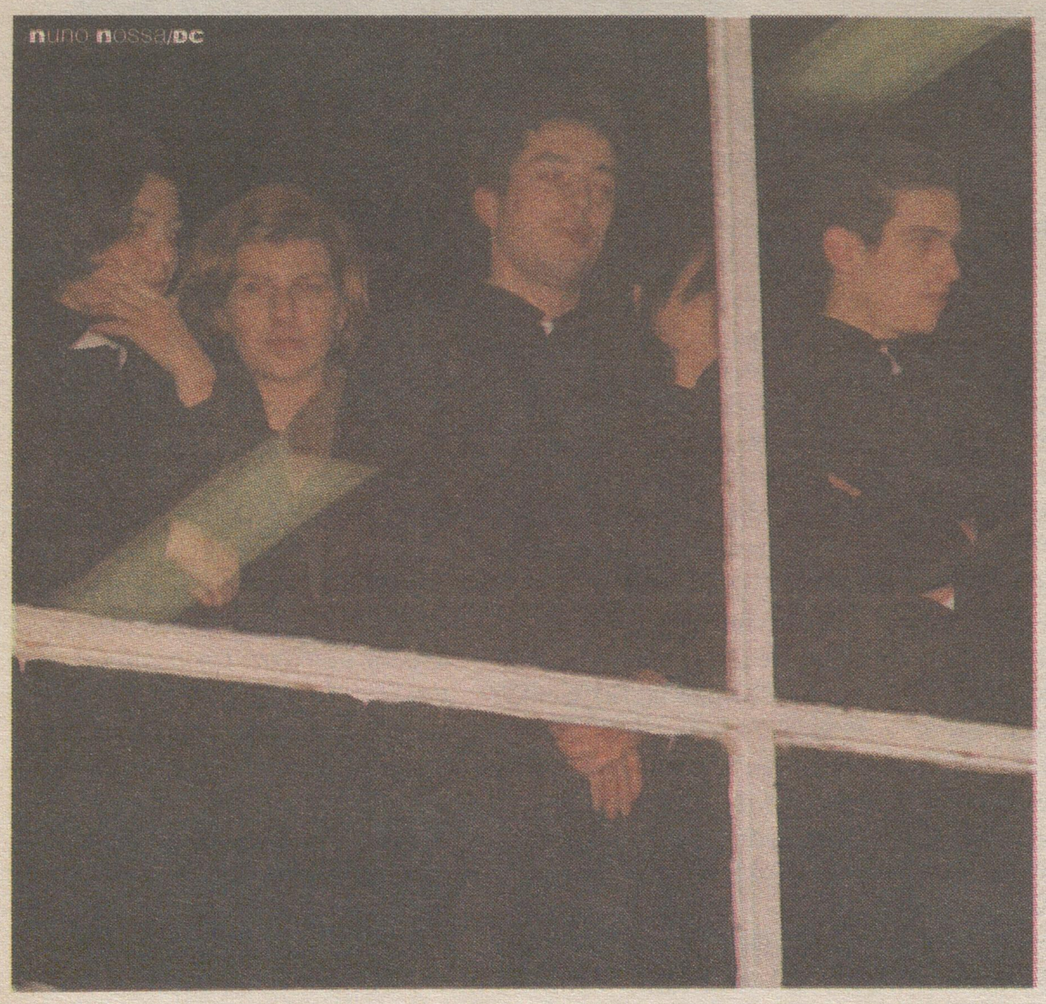
Jornal Universitário de Coimbra

Nº63 13 de Dezembro de 2000 Quinzenal Director: Bruno Ferreira Director Adjunto: Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

DOM Dinis

Reeleição polémica

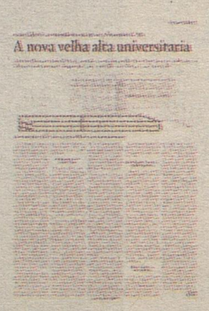

nuno nossa/DC


nuno nossa/DC

As eleições deste ano para os corpos gerentes da AAC dificilmente vão ser esquecidas, pelo menos a breve prazo. Boicotes, manifestações, pedidos de impugnação e todo um conjunto de peripécias que marcaram um processo que acabou por reconduzir Humberto Martins no cargo de presidente da DG/AAC.

Páginas 2 a 6

Alta em mudança


A nova velha alta universitaria

A Universidade de Coimbra (UC) está apostada em remodelar a velha Alta universitária com modificações a vários níveis. As mudanças já estão a caminho.

Página 7

O esplendor de Genet


O revolucionario conformado

O esplendor de Jean Genet

Teatro Académico de Gil Vicente abre portas a Jean Genet. A Escola Superior Nacional das Artes da Marioneta levará a palco a peça "Splendid's", deste dramaturgo francês.

Página 14

Edifício da AAC

Revelação do projecto de reforma que se encontra em fase de estudo

Páginas 9 a 12

A Mar Arte

Elsa Ligeiro fala sobre um ponto de referência do mercado livreiro

Página 13

v.s.f.f.

Polémica nas eleições para a DG

A semana que abalou a AAC

As eleições deste ano para os corpos gerentes da AAC dificilmente vão ser esquecidas, pelo menos a breve prazo. Boicotes, manifestações, pedidos de impugnação e todo um conjunto de peripécias que marcaram um processo que, definitivamente, vai ser lembrado pela sua complexidade e pela polémica que lançou.

Às 7h30 da madrugada de Sexta–feira dia 1 de Dezembro eram anunciados os resultados finais e oficiais das eleições para a DG/AAC, ditando a recondução de Humberto Martins no cargo de presidente da mais antiga associação académica do país. Para trás ficava um dos mais polémicos e agitados processos eleitorais de que há memória na Academia.

O processo, que a partir daí se desenvolveu a um ritmo alucinante, teve a sua génese na questão do local de voto da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Em reunião da Comissão Eleitoral (CE) realizada no dia 20 de Novembro foi estabelecido, através de uma proposta apresentada conjuntamente pelas listas T e V, que as eleições não se poderiam realizar nos átrios dos departamentos e/ou faculdades com vista a evitar situações de confusão, agitação e falta de democraticidade no acto eleitoral. Mais, seria também aprovado um ponto que previa que, na eventualidade de não serem disponibilizadas salas para o acto eleitoral, as urnas fossem transferidas para o edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC).

É num momento posterior a esta decisão que as posições acabam por se extremar. A lista T acaba por assumir que a sua proposta visava apenas criar pressão sobre os elementos dos órgãos de gestão das faculdades, pretendendo conseguir destes um espaço que possibilitasse aos estudantes votar condignamente na sua faculdade.

A partir daqui, e quando as listas B e V prometiam respeitar o estabelecido em Comissão Eleitoral, os elementos da lista T envolviam–se numa batalha contra, e nas palavras de elementos da lista de Nuno Lobo, "o tratamento propositadamente desigual e que visava prejudicar os alunos de Letras".

Segundo Humberto Martins, "em todos os departamentos e faculdades foram resolvidos os problemas (à excepção de Letras) relacionados com o espaço reservado às eleições e os estudantes puderam votar condignamente.

No caso de Letras, e contrariamente aos interesses dos estudantes, o Conselho Directivo da FLUC mostrou–se inflexível".



Este foi um processo eleitoral marcado pela polémica

Os dias da discórdia

O esgrimir de argumentos e o extremar de posições acabou por se precipitar no dia 29 de Novembro, o primeiro dia de eleições para a DG/AAC.

Enquanto alguns elementos das listas B e V tentavam, como havia sido aprovado em CE, invadir, sem sucesso, de forma pacífica uma sala da FLUC, os elementos a lista T recusavam–se a aceitar a transferência das urnas de Letras para a AAC. Efectivamente, esta situação acabou por motivar o abandono das mesas de voto por parte dos delegados da lista T, facto que acabou por condicionar decisivamente todo o processo. A grande maioria das urnas acabou, em virtude disso, por se ver forçada a abrir com algumas horas de atraso em relação ao horário inicialmente previsto.

Em face disto, Nuno Lobo, que em declarações à Rádio Universidade de Coimbra (RUC) referiu ter–se afastado do processo eleitoral "em solidariedade com os estudantes que foram impedidos de votar", decidiu apresentar uma proposta que visava a suspensão do acto eleitoral por uma semana, proposta esta recusada por maioria em Comissão Eleitoral.

Humberto Martins refuta estas acusações: "Importa esclarecer que, ao contrário do que tem sido dito, não houve nenhum estudante de Letras a ser impedido de votar. É claro que lamentamos o facto de eles não terem podido votar na sua faculdade, sendo obrigados a deslocar–se à AAC, mas aí as responsabilidades têm que ser atribuídas directamente ao Conselho Directivo da FLUC".

Outro dos episódios que acabaria por marcar o primeiro dia de eleições seria a manifestação que, ao fim da tarde, levou algumas dezenas de estudantes até à sala de estudo da AAC onde, enquanto uma facção pretendia exercer o seu direito de voto, a outra tentava impedir que a votação ali proseguisse. Este último grupo de alunos reivindicava a suspensão imediata das eleições visto "não se estar a cumprir o princípio basilar da igualdade que sustenta os estatutos da AAC". A manifestação acabou mesmo por implicar a suspensão temporária da votação na Sala de Estudo da AAC, tendo esta sido retomada apenas por volta das 22h00.

Os resultados

No dia seguinte o acto eleitoral acabou por decorrer dentro da (possível) normalidade. A CE foi obrigada a recorrer (já no dia anterior o havia feito) a delegados independentes às listas para colmatar a ausência dos delegados da lista T.

Às 00h00 do dia 1 de Dezembro era dada por concluída votação. Lá fora, as 23 urnas eram esperadas por elementos da lista T com o traje em forma de luto académico: "Hoje assistimos à morte da Academia". Segundo o candidato da lista T, Nuno Lobo, este terá sido mesmo "o episódio mais vergonhoso da história da AAC. Está claramente implantado o fascismo em alguns dirigentes da AAC".

Dentro das cantinas dos grelhados, era dado início ao escrutínio. A lista T, embora convidada a assistir, optou por não estar presente na sala. Os resultados iam sendo anunciados por entre manifestações de júbilo, por parte de apoiantes da lista V, e estridentes gritos de revolta por parte dos elementos da lista T.

Um dos mais polémicos processos eleitorais dos últimos anos acabaria (pelo menos em primeira instância) às 7h30 do dia 1 de Dezembro, aquando da divulgação dos resultados finais oficiais das eleições.

O(s) dia(s) seguinte(s)

No entanto, o processo poderá ainda estar longe de ter terminado.

Efectivamente, pouco tempo depois do início do escrutínio, já se falava na possibilidade de entrega de um pedido de impugnação das eleições por parte dos responsáveis pela lista T. Este pedido de impugnação, que acabaria por ser entregue no dia 8 de Dezembro, assenta, de acordo com as declarações de Nuno Lobo à RUC, em três pontos essenciais: "Primeiro, o facto de os alunos de Letras terem sido impedidos de votar na sua faculdade; depois, o desrespeito pelo horário de votação devido; por último, o facto de não terem estado presentes elementos da lista T no local e no acto do escrutínio".

Receando que este pedido não seja acolhido em sede de Comissão Eleitoral, Nuno Lobo ameaça recorrer, num momento posterior, para o Conselho Fiscal.

Confrontado com o pedido de impugnação apresentado pela lista T, Humberto Martins considera este "legítimo, já que todas as pessoas têm o direito de ver esclarecidas as suas dúvidas. No entanto, não me parece muito coerente que o pedido de impugnação parta de quem mais prejudicou o processo". Nas palavras do reeleito presidente da DG/AAC, se houve alguém que saiu prejudicado de todo este processo, esse alguém foram os estudantes da Universidade de Coimbra. "No entanto - considera - esta é sempre uma questão que, em última instância, compete à CE decidir".

Ao mesmo tempo, foi entregue na passada semana um pedido de marcação de uma Assembleia Magna (AM) destinada a discutir a legitimidade do acto eleitoral em causa (marcada, entretanto, para quinta–feira, dia 14 de Dezembro). Em relação à Magna, Humberto Martins considera este o "órgão por excelência que a Academia tem para que se discuta, para que se confrontem argumentos, para que se prestem todos os esclarecimentos necessários. Não sei qual será o âmbito da discussão que se pretende para esta AM. Possivelmente, e infelizmente, receio que não seja muito dignificante. Mas, sendo para esclarecer os estudantes, então estarei disposto a dar o meu contributo para que seja produtiva nessa matéria".

Os dados, deste que é sem dúvida um dos mais polémicos e complexos processos eleitorais de que há memória na AAC, estão (re)lançados.

Resta agora esperar por desenvolvimentos que se esperam, na medida do possível, céleres, esclarecedores e, acima de tudo, conclusivos.

Sérgio Alves

N.R.: A CABRA tentou, por diversas ocasiões, colher declarações de Nuno Lobo que ajudassem a esclarecer os factos em causa, proporcionando, ao mesmo tempo, a hipótese de veicular a sua opinião pessoal sobre o processo. No entanto, Nuno Lobo acabou por não se mostrar disponível a prestar declarações ao nosso jornal.

Vítor Aires, presidente da Comissão Eleitoral

"Não podia fazer mais nada"

O presidente da Comissão Eleitoral (CE) para as eleições dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) acabou por ser um dos protagonistas deste processo eleitoral. Envolvido directamente, Vítor Aires expõe a sua visão pessoal do processo complexo que marcou a AAC nas últimas semanas.

"Não podia fazer mais nada". É desta forma que o presidente da CE classifica a sua actuação neste que foi um dos mais controversos processos eleitorais de que a Academia de Coimbra tem memória.

Um processo que, segundo o próprio, foi marcado em muitas alturas pela insegurança e que, no primeiro dia, levou à suspensão da votação em diversos locais de voto, nomeadamente na Sala de Estudo da AAC: "Não havia segurança. Juntaram–se 30 pessoas à porta que podiam levar urnas, cadernos eleitorais, etc. E não se pode deixar de ter em conta que a PSP não entra dentro da AAC desde a crise estudantil de 69."

Esta suspensão pode ser considerada como um fundamento para um pedido de impugnação mas, segundo Vítor Aires, "a segurança está em primeiro lugar e eu não queria correr riscos. Mas, depois, decidi prosseguir, tinha que continuar o processo eleitoral. Mas, obviamente, as coisas podiam ter corrido melhor."

Apesar de estar já agendada a realização de uma Assembleia Magna, Vítor Aires não deixa de salientar o facto das eleições para os corpos gerentes da AAC serem assembleias magnas de voto, sendo hierarquicamente superiores a uma Assembleia Magna.

Em relação à interdição por parte de um elevado número de pessoas ao acesso à Sala de Estudo da AAC (episódio ocorrido no dia 29), o presidente da CE afirma que "uma lista resolveu boicotar, pois apercebeu–se de que tinha as eleições perdidas. Eu presenciei o facto de um vice–presidente da lista T impedir as pessoas de entrar."

Face ao pedido de impugnação apresentado pela lista T, Vítor Aires não se mostra preocupado, pois "eles é que causaram as complicações, tanto a nível de abertura e horário de urnas como a nível da presença ou falta de pessoas nas mesas de voto. Em relação ao princípio da igualdade, foi a própria lista T que propôs que, não havendo condições, passar–se–iam as urnas para a Sala de Estudo da AAC. Onde está a coerência?" Na sua opinião, terá sido a lista T a provocar os motivos pelos quais pretendem a impugnação das eleições.

Confrontado com a acusação de parcialidade da CE, Vítor Aires refuta as acusações, esclarecendo que Nuno Lobo "também faz parte da CE, com certeza também ele terá sido parcial".

No que diz respeito à falta de colaboração do Conselho Directivo da FLUC e dos respectivos órgãos de gestão, tudo terá sido tentado, da sua parte, para que as eleições decorressem normalmente.

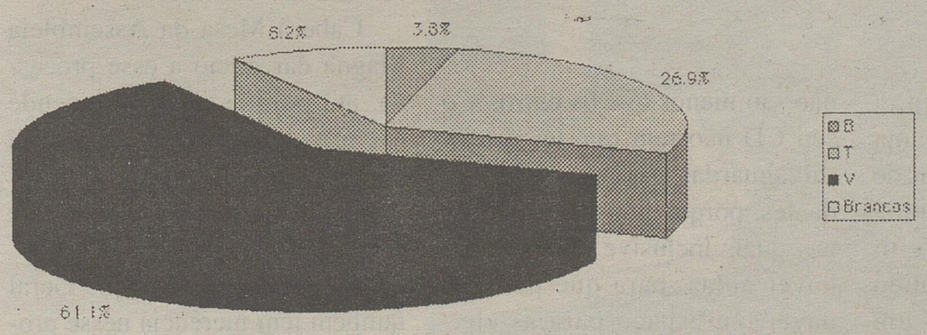
Quanto à falta de elementos da lista T no local do escrutínio, Vítor Aires afirma que estes foram convidados a estar presentes, tendo recusado o convite. Apesar disso, ainda lá esteve presente o delegado da lista T, Rui Lopes, tendo abandonado o recinto posteriormente.

Susana Cerqueira

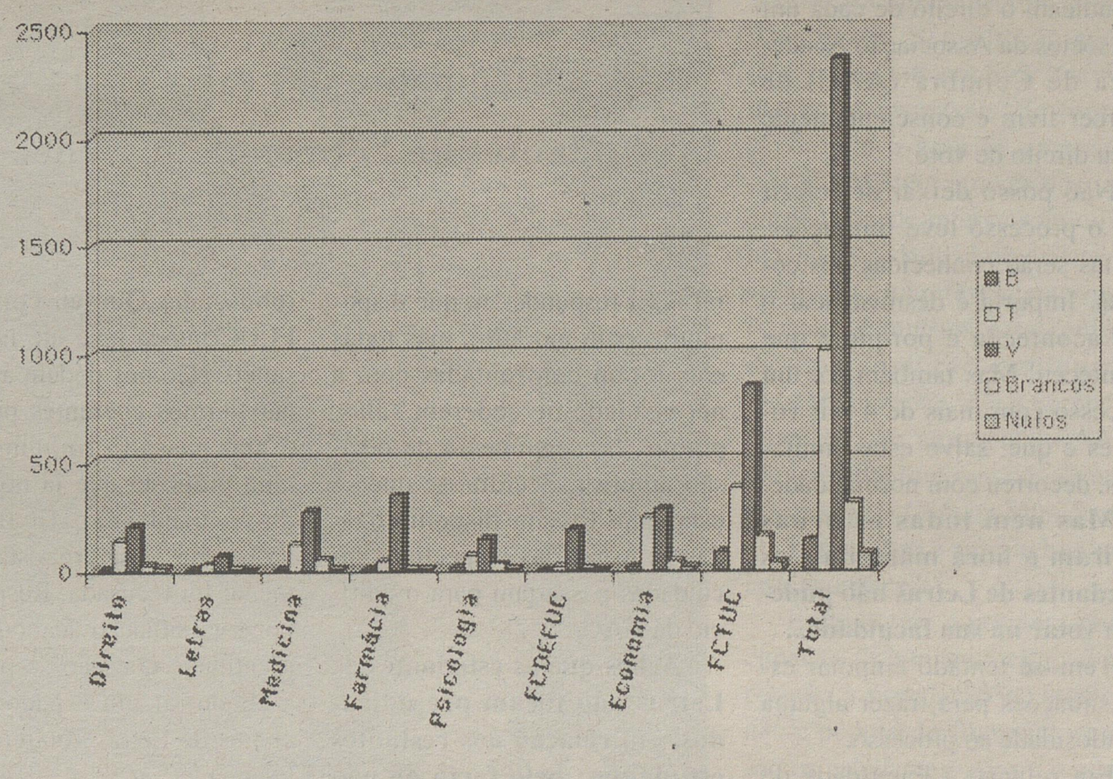
1345 votos fizeram a diferença

Absoluta abstenção

Resultados em percentagem



Totais por faculdade



Humberto Martins venceu as eleições para a Direcção Geral e Mesa da Assembleia Magna por 1345 votos. Um dos dados mais importantes a retirar da análise dos números deste processo eleitoral é, como nos anos anteriores, a abstenção que se cifrou em cerca de 70%.

A lista V conquistou 61,1% dos votos contra 26,9% da lista T e 3,8% da lista B, vencendo assim à primeira volta as eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra realizadas nos dia 29 e 30 de Novembro. Do Conselho Fiscal irão fazer parte quatro elementos da lista V e um elemento da lista T.

Talvez devido à forma conturbada como decorreu o acto eleitoral este ano, o número de votantes baixou relativamente aos dois actos eleitorais anteriores. Se este ano o número de votantes se cifrou em 4263, no ano anterior foi de 5088 e em 1998 foi de 6633. De salientar é sobretudo a fraca votação na Faculdade de Letras que baixou de cerca de 500 no ano transacto para 114.

Ao analisar os resultados faculdade por faculdade saltam à vista os resultados obtidos pela lista V na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) e na Faculdade de Farmácia. Na primeira, e como já é hábito, a votação recaiu esmagadoramente numa das listas. Na Faculdade de Farmácia, donde provém Humberto Martins e que foi a urna com maior número de votantes, a vitória também foi esmagadora. A lista T, liderada por Nuno Lobo, e obteve o seu melhor resultado na Faculdade de Economia com 41% dos votos. A lista B, por seu lado, teve menos votos que no ano transacto, em que obteve mais 50 votos do que os 149 obtidos neste acto eleitoral.

Percorrendo os totais urna por urna reparamos que na Faculdade de Direito, a sua faculdade, Nuno Lobo ganhou por seis votos a urna do primeiro e do segundo ano mas perdeu para a lista V por 72 votos na urna em que votavam os estudantes terceiro, quarto e quinto ano. Para além desta urna de Direito a lista T consegui obter vantagem em apenas mais três das 23 urnas existentes. Numa das urnas de Ciências da Terra, por 14 votos, na urna de Engenharia Química, por 6 votos, e na urna de Engenharia Electrotécnica, por 5 votos.

Em relação ao Conselho Fiscal não existem grandes diferenças em relação aos resultados para a Direcção Geral. A lista V ficará nele representada por quatro elementos, enquanto que a lista T contará apenas com um.

Comparando os resultados obtidos por Humberto Martins em 1999, notamos que este ano a sua lista obteve menos seis pontos percentuais.

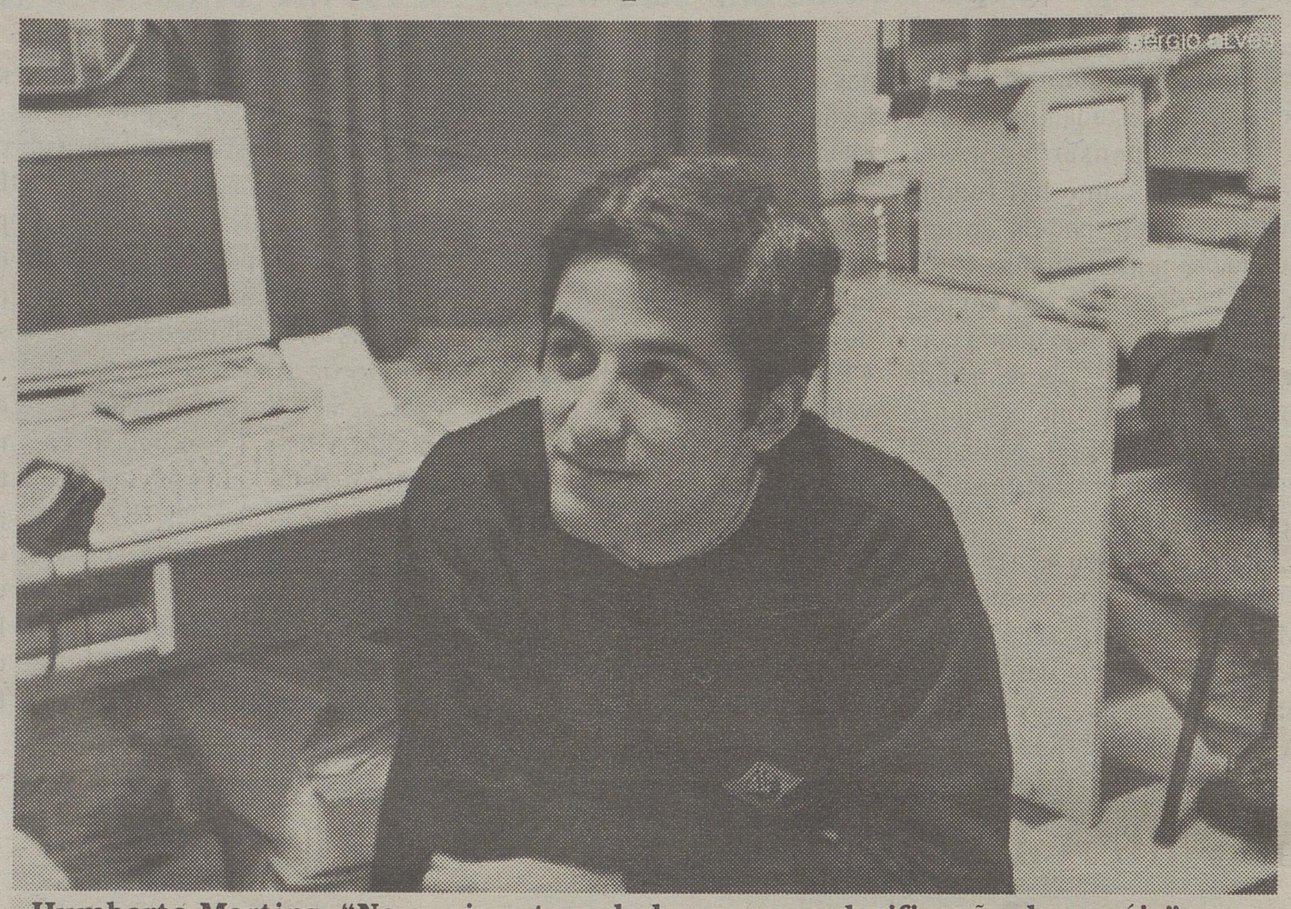
Bruno Ferreira

Humberto Martins confiante no futuro

"As pessoas não votaram

Depois de um processo eleitoral atribulado, que parece ainda não ter acabado, o actual presidente da Associação Académica de Coimbra sente–se legitimado para um novo mandato. Na sua opinião todo o processo levou o nome da AAC às ruas da amargura, mas há que voltar a reaproximá–la dos estudantes.

Humberto Martins ganhou à primeira volta a corrida pela sua sucessão e espera que a Comissão Eleitoral se pronuncie acerca do pedido de impugnação apresentado na última sexta–feira pela lista oponente. Apesar de não se sentir honrado com todo o processo, o actual presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra considera que este ocorreu com normalidade, apesar das limitações. Em entrevista ao Jornal Universitário Humberto Martins faz uma análise dos problemas da Universidade de Coimbra e considera injusto o actual panorama de apoios dados pela Câmara Municipal à Associação Académica.



Humberto Martins: "Na queima tem de haver uma clarificação de papéis"

Que análise fazes do processo eleitoral que acabou de decorrer?

Este processo eleitoral foi, infelizmente, tolhido de diversas condicionantes e limitações. Acima de tudo foi envolvido numa polémica que não deveria existir num processo eleitoral, que se quer sério e rigoroso e não inquinado por tomadas de posição, por manifestações, que prejudicam o direito de cada um dos sócios da Associação Académica de Coimbra (AAC) de exercer livre e conscientemente o seu direito de voto.

Não posso deixar de referir que o processo teve limitações, muitas serão conhecidas dos colegas. Importa é desmistificar o que aconteceu e porque é que aconteceu. Mas também foi um processo com mais de 4 mil votantes e que, salvo estas limitações, decorreu com normalidade.

Mas nem todas as urnas abriram à hora marcada e os estudantes de Letras não puderam votar na sua faculdade...

Tem–se tentado empolar essas situações para trazer alguma nebulosidade ao processo.

Em relação à Faculdade de Letras (FLUC), foi aprovada unanimemente, e por proposta conjunta das listas V e T em sede de Comissão Eleitoral (onde todas as listas têm assento e o mesmo peso), uma decisão que era relativa a todas as faculdades e não somente à Faculdade de Letras. Essa decisão tinha por objectivo dar dignidade ao processo, não podendo por isso haver mesas de voto em átrios. Para não acontecerem situações de menor democraticidade e de confusão no processo eleitoral.

Algumas das faculdades, face à decisão da Comissão Eleitoral (CE) responderam que disponibilizariam um átrio, mas todas elas foram confrontadas com a necessidade de cederem salas, porque, no seguimento da decisão anterior, decidiu–se que se estas não fossem disponibilizadas as urnas das respectivas faculdades passariam para o edifício da AAC.

> Responsável por esta situação acabou por ser a entidade que não se predispôs a encontrar um espaço para os alunos de Letras

> A ocupação das salas foi impedida pelos próprios estudantes de Letras que pertencem ao Conselho Directivo

Achas que os estudantes de Letras não foram prejudicados, em relação aos restantes estudantes, pelo facto de não terem podido votar na sua Faculdade?

Esse é um direito base dos estudantes, nunca ninguém pôs isso em causa. Mas o Conselho Directivo da Faculdade de Letras (CD) foi imune às diversas solicitações para que fosse disponibilizada uma sala.

Mas existe um espaço que o CD da Faculdade de Letras (FLUC) designa como Sala 0, que segundo este órgão tem condições análogas às de uma sala. Não seria essa uma possibilidade?

Essa é uma análise bastante rebuscada. Que eu conheça, a FLUC nunca teve até hoje uma sala 0. Não nos podem acusar de não sermos coerentes porque já o ano passado tínhamos feito uma proposta que ia no sentido de as urnas não ficarem em átrios, mas essa proposta infelizmente foi recusada. Responsável por esta situação acabou por ser a entidade que não se predispôs a encontrar um espaço para os alunos de Letras votarem na sua faculdade.

Acreditas que não existia mesmo uma sala?

Na última conversa que tive com o presidente do Conselho Directivo ele disse–me que poderia haver a hipótese de disponibilizar uma sala, mas que não o poderia fazer pois estava preso a uma decisão anterior do CD, em que apenas estava prevista a disponibilização do átrio. Mas isto é de lamentar pois, ao estar a inviabilizar–se a existência de uma sala, estava a inviabilizar–se também o acto eleitoral na FLUC. Lamento esta decisão porque os estudantes de Letras não são menos que os outros e o seu CD não tem que ter menos salvaguardas para os seus estudantes, porque houve faculdades nas quais inclusivé deixaram de haver aulas, para que pudesse haver um espaço para as eleições.

O pedido de impugnação baseia–se no facto de não ter havido votação na Faculdade de Letras. Que comentário é que este te merece?

Infelizmente os estudantes de Letras não puderam votar na sua faculdade, mas não foram impedidos de o fazer na AAC. Deu–se apenas o cumprimento de uma decisão da Comissão Eleitoral, não sem antes se ter até tentado ocupar uma sala, ocupação esta que foi reprimida pelo presidente do Conselho Directivo e, mais grave ainda, pelos próprios estudantes de Letras que fazem parte deste órgão.

Então para ti este pedido de impugnação não tem fundamento?

Isso cabe à CE decidir. Eu estou aqui apenas a expôr o que factualmente se passou.

Tendo em conta o carácter atribulado do processo eleitoral, sentes–te legitimado para um segundo mandato?

Não me sinto honrado com todo este processo, especialmente depois de um ano de tentativa de credibilização da AAC. Foi feito um mau serviço à Associação Académica, conduzindo deliberadamente a sua imagem às ruas da amargura.

Consideras que o teu segundo mandato irá ficar maculado com este processo?

O mandato está apenas dependente das acções que nele se tomam.

Mas não achas que o resultado poderia ter sido diferente?

Está bem expresso na votação qual foi o resultado nas eleições. As pessoas que votaram não votaram enganadas, votaram em consciência, votaram segundo uma opção que quiseram tomar.

Os Estatutos e a Queima

Aproxima–se o início do processo de revisão dos estatutos da AAC. Quando é que a Direcção Geral (DG/AAC) vai dar início a esse processo e quais são as tuas ideias para a revisão dos estatutos?

Cabe à Mesa da Assembleia Magna dar início a esse processo, até porque ele não depende exclusivamente da DG/AAC. Há toda uma configuração para a revisão dos estatutos que tem que ser respeitada.

É claro que a Direcção Geral também tem inerência nesse processo e apresentará propostas que ainda serão alvo de discussão. Há premissas essenciais dos estatutos que têm que ser revistas, nomeadamente as relativas aos próprios Núcleos. O mesmo acontece em relação à estrutura da AAC, até no que concerne às Secções.

Também será importante a questão do enquadramento Queima das Fitas (QF) especialmente no que concerne à sua possível integração na Associação Académica, e não na Direcção Geral.

Mas já há alguma proposta concreta que a DG queira apresentar?

Obviamente que a DG não se demitirá de apresentar as suas propostas em tempo oportuno. Neste momento ainda não se iniciou o processo.

Mas, na tua opinião pes-

em nós enganadas"

soal, qual é que achas que deveria ser o enquadramento da Queima das Fitas nos estatutos da AAC?

Acho que, sendo a Queima indiscutivelmente a maior festa da Academia, tem que haver, acima de tudo, uma clarificação de papéis, e uma atribuição de responsabilidades. Tem que haver uma explicação clara e explícita de como é que a QF é ou não parte integrante da Associação Académica, e do porquê da sua legitimidade efectiva para intervir na QF. A legitimidade prática já existe: todos os estudantes são sócios da AAC, assim como todos os estudantes que intervêm na Comissão Organizadora da QF. Mas é necessário também um avanço na parte formal.

Pessoalmente, não defendo uma Queima das Fitas na Direcção Geral ou com a sua direcção directa ou organizativa. Isto porque considero a DG/AAC como muito mais que um pelouro de festas ou um conjunto de estudantes que se dedica a organizar eventos lúdicos ou recreativos. Além do mais, há premissas essenciais a salvaguardar na QF, nomeadamente a existência de uma Comissão Central e ainda uma questão de uso e costume a que chamamos praxe.

Enquanto presidente da DG/AAC qual foi o teu papel dentro da Comissão Fiscalizadora da Queima das Fitas no âmbito dessa mesma clarificação?

Eu exerci esse papel por inerência da Direcção Geral. O papel da CF é precisamente fiscalizar, e não intervir no processo ou condicioná-lo. A sua função é abalizar superiormente o processo. O que a CF faz é avaliar contratos, nomeadamente a sua razoabilidade em termos de tectos orçamentais. Sendo a AAC responsável na prática por todo o processo de contabilidade não pode correr o risco de existirem posições lesivas dos seus interesses.

Mas como é que analisas esse trabalho em concreto?

Havendo esta indefinição em relação à integração formal da Queima das Fitas na AAC, o poder de uma comissão fiscalizadora é um poder mais formal do que real. Na minha opinião tem que haver uma maior interligação com toda a estrutura da AAC para que haja essa clarificação e essa responsabilização: como é que se processam as contas, como é a tramitação contratual, como é que se escolhem propostas, quando é que abrem os concursos.

AAC e os estudantes

O que é que respondias a um estudante da Universidade de Coimbra, sócio da AAC, que chegasse ao pé de ti e te pedisse ajuda porque: tinha chumbado de ano, por causa de uma cadeira que tem 95% de taxa de reprovação; em consequência disso tinha perdido a bolsa de estudo e não tinha dinheiro para pagar uma renda de 30 mil escudos e que ainda tinha de arcar com as despesas inerentes à condição de estudante deslocado?

Infelizmente situações como essa são uma realidade. Há duas análises que se fazem logo sobre essa matéria.

A primeira é a situação específica desse colega que está numa situação muito difícil. Para esse colega há que ver se há alguma situação particular dele, se houve alguma impossibilidade de comparecer a aulas práticas, se houve alguma outra dificuldade por ser bolseiro. Mas, se essa cadeira tem 95% de taxa de insucesso, este é um problema mais vasto que se insere no problema da pedagogia na Universidade de Coimbra. A provedoria do estudante iria sempre averiguar junto do docente o porquê dessa situação, que não é normal. Terão de se confrontar também os conselhos pedagógicos e até mesmo o Senado Universitário.

A Universidade de Coimbra não tem dinheiro para funcionar condignamente, está a perder importância a nível nacional e um número significativo dos seus licenciados acabam no desemprego. Perante esta realidade o que é que o presidente da AAC pode fazer para melhorar esta situação?

Nós como estudantes acabamos por sentir isto na pele e isso é bom para que as pessoas não digam que nós estamos alheios a esses problemas. Nós temos de servir como amplificador das razões que os estudantes têm.

É claro que há problemas estruturais na Universidade de Coimbra, e isso tem de ser denunciado. O próprio Ministério da Educação já admite que nem tudo vai bem.

Mas quais são os instrumentos que tu tens e que podes utilizar?

Nós temos um forte papel de pressão pois agimos em representação dos 22 mil estudantes desta universidade. Nenhum Conselho Directivo ou pedagógico onde se passem estes problemas ficará imune a uma intervenção directa da estrutura que representa os estudantes.

Qual é o eco que a voz da AAC tem?

Temos de pôr o país a falar do Ensino Superior. Muitas vezes o nosso discurso é apelidado de irresponsável, somos acusados de não ter conteúdo. Mas felizmente há um trabalho de base para que eu possa dizer o que digo. Se eu posso apontar o dedo à má formação de docentes é porque tenho dados objectivos para isso e posso ligar este facto ao insucesso escolar. Se um estudante sai mal preparado de uma aula prática eu posso dizer que é porque não há laboratórios, não há reagentes ou por as turmas estarem sobrelotadas.

Todo este discurso de credibilização baseado em factos serve para elucidar a opinião pública, fazendo um trabalho de contextualização, relembrando que a educação já foi uma paixão, mas que foi desprezada. O reagendar desta discussão no panorama nacional tem sido feito.

Achas que tem solução o problema do afastamento dos estudantes da sua Associação Académica?

Quando falamos em participação eleitoral há realmente uma falta de participação. Esse é um problema difícil de resolver. Tem que haver, cada vez mais, uma maior consciencialização, pois muitas vezes o que é difícil é informar as pessoas em relação aos seus direitos e ao que elas são. Não tenho a mínima dúvida que encontremos estudantes do 4º ano que não saibam que são sócios da AAC. Isso preocupa-me. Num plano teórico, a proximidade e a visibilidade nas faculdades poderá ser uma das formas de resolver esses problemas. Mas na prática só o futuro o dirá.

Associação em Coimbra

Vês a AAC como uma ilha na cidade de Coimbra ou como uma península?

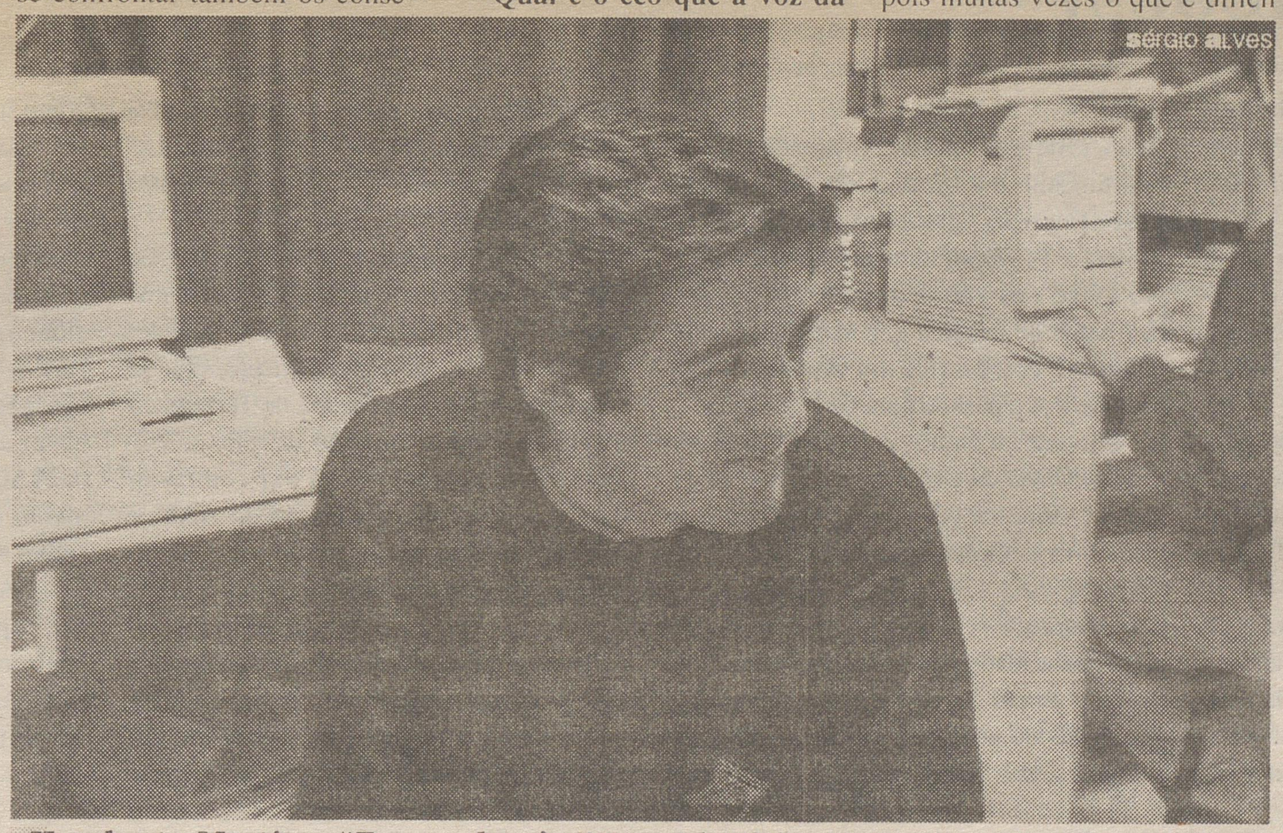
Nem como uma ilha, nem como uma península. A Associação Académica dá muito à cidade de Coimbra, à região, mas recebe muito pouco, não só em termos monetários, mas também em termos de reconhecimento. Toda a cidade beneficia com a vivência estudantil, recebe a influência do ambiente estudantil. A AAC dá muito prestígio e muita actividade à cidade. Mas muitas das vezes só recebemos ingratidão e incompreensão.

Achas que o apoio dado pela Câmara Municipal de Coimbra à AAC é suficiente tendo em vista a sua produção cultural e desportiva?

Obviamente que não é suficiente. Nós bem nos temos queixado desta falta de apoio, porque para haver esse tipo de apoio têm que existir critérios que têm que ser mensuráveis. Se formos a ver qual o grau de expressão que a AAC tem através das suas actividades de intervenção e formação na cidade, é óbvio que os apoios são manifestamente insuficientes e injustos para com toda uma produção continuada. Quanto mais não seja a escola de cidadãos que representa a AAC. Obviamente que isso não é reconhecido pela Câmara Municipal.

E por que é que achas que isso acontece?

É óbvio que a primeira preocupação de um município é em relação à população residente e não à população flutuante, como são os estudantes. Agora o que é facto é que os benefícios que essa população residente retira são muitos deles conseguidos pelos estudantes. Daí ser injusto o actual panorama de apoios que é dado à AAC. Da parte da Associação sempre houve um desapego em relação a tudo o que é produzido, mas um reconhecimento é mais do que justo e legítimo.



Humberto Martins: "Temos de pôr Portugal a falar de Ensino Superior"

Há premissas essenciais dos estatutos
que têm que ser revistas, nomeadamente as relativas
aos próprios Núcleos

A AAC dá muito prestígio e muita actividade à cidade.
Mas muitas das vezes só recebemos ingratidão e incompreensão

Entrevista realizada no programa
"Entre Vistas Largas" da RUC por
Bruno Ferreira,
José Carlos Santos e
Leonor Tato

A academia é tua, participa na Assembleia Magna, por uma academia mais forte

No início do Processo Eleitoral para os Corpos Sociais da AAC tudo fazia prever que este decorreria com muita elevação e a máxima normalidade. Pelo menos, assim afirmavam as listas concorrentes, tendo estas inclusive como bandeira o reforço da AAC enquanto instituição que possui um nome e uma história. No entanto, e ainda durante a campanha eleitoral, surgiram os primeiros sinais de que este poderia não decorrer com normalidade.

Como é sobejamente conhecido, todas as listas concorrentes aprovaram que, caso não existisse sala nas Faculdades onde se pudesse realizar o acto eleitoral, as urnas seriam colocadas na AAC. Esta decisão, apesar de correcta, torna–se o factor capital do processo eleitoral. Situação que se verificou na FLUC, onde o Presidente do Conselho Directivo toma uma atitude não cooperante, tendo ainda, a ligeireza de sugerir que o átrio era um local digno. Então porque não se realizam aulas naquele local? Também fica aqui uma palavra aos restantes membros da Comissão Eleitoral (CE), que numa tentativa mais voluntariosa do que racional e pouco edificante para esta comissão decidem ocupar pacificamente uma sala na FLUC.

No primeiro dia de votação, é então tentada a ocupação pacífica que como era de prever se revelou improfícua. Perante isto a CE, correctamente, cumpre o regulamento. Então, o candidato a presidente pela lista T, manda retirar os delegados da sua lista das mesas de voto, assistindo–se a situações de claro boicote, onde em alguns locais elementos da lista T impediram colegas de votarem, colocando–se em frente das urnas. Sejamos directos, a lista T que contava com um forte apoio na FLUC deixou–se enredar numa teia de acções, afirmações e desmentidos, tendo inclusivé assumido publicamente que aprovou uma proposta em sede de CE que não fazia tenções de cumprir, e que esta não era mais do que uma forma de pressão. Quem pensava que já tivessem acabado as atitudes de clara cobardia, mesquinhez e de tentativa de manipulação do óbvio, enganou–se. Na reabertura das urnas na sala de estudo da AAC surge um movimento de boicote claramente conotado com a lista T, onde até dois dos candidatos a vice–presidentes pela referida lista estavam entre os que tentavam bloquear o acesso dos estudantes ao local de voto.

Perante estes factos a CE, e aqui um erro desta, deveria ter tido a coragem de excluir nesse mesmo dia a lista T do processo eleitoral, com fundamento numa atitude de clara má fé e de boicote ao acto eleitoral, desrespeitando a instituição AAC. Seriam polémicos, mas coerentes e firmes na defesa de uma atitude crítica, justa e frontal princípios pelos quais a AAC sempre se pautou.

No rescaldo do processo surge a indignação por parte de alguns estudantes da UC pela forma como estava a decorrer todo o acto eleitoral. Estes, iniciaram uma campanha de recolha de assinaturas a pedir a convocação de uma Assembleia Magna, defendendo que não existiu igualdade de tratamento entre estudantes, pois, uns poderiam votar nas suas faculdades e dentro dos horário estabelecidos e outro não.

A questão que se coloca neste momento é: o que deve ser esta Assembleia Magna, órgão máximo da AAC?

Pelo que acima referi, considero-a fundamental para que toda a Academia seja esclarecida sobre aquilo que realmente aconteceu, saindo unida após uma condenação clara e firme de quem nada fez para a dignificar, restando apenas, apelar a seriedade e á razão de todos os sócios da AAC.

Como se poderá constatar todo este processo eleitoral está percorrido de episódios nada dignificantes para esta academia, e que até agora nunca registados. Resta um conselho de sócio da AAC: quem assume lugares de destaque desta casa, deve saber ser digno da sua história e entender que esta só existe devido à necessidade e justeza da luta dos estudantes pela procura de um melhor ensino e de uma melhor formação enquanto cidadãos.

Pedro Ilhéu

Assembleia Magna... decide eleições!

Nos últimos dias 29 e 30 de Novembro, a Associação Académica de Coimbra viveu um dos mais tristes momentos da sua existênc ia.

As eleições para a Direcção Geral da Academia mais prestigiada do país decorreram, aos olhos de todos, como sendo a caricatura estéril e débil do actual Movimento Estudantil.

Num processo eleitoral pautado pela caducidade das ideias, pela inocuidade dos projectos e pela total ausência de valores, é caso para dizer, que só terá faltado assaltar urnas.

Os acontecimentos que parodiaram os dois dias de votação, terão servido apenas para mostrar fidedignamente o verdadeiro carácter de todas as estruturas envolvidas, e a parte concreta dos seus reais interesses.

A sede pelo poder, o prestigismo, o oportunismo e a mentira, foram as únicas mensagens que, quer o projecto V, quer o projecto T, foram capazes de transmitir. Ao longo dos vários dias de campanha e dos pares de debates que se promoveram, nenhuma prespectiva foi aprofundada e nada de novo passou para os estudantes.

Contudo, e como se já não bastasse a mediocridade da conjuntura em que surgiram as eleições em causa, só mesmo os princípios democráticos faltavam ser postos em causa.

Durante o primeiro dia do escrutínio, as irregularidades que se verificaram, iam desde o atraso de várias horas na maioria dos locais de voto (sete horas em Eng. Informática, seis horas em Eng. Química...), passando pela não entrega das urnas, pela Comissão Eleitoral, na Faculdade de Letras, até ao boicote em vários momentos do acto eleitoral.

Como se depreende, os estudantes não puderam votar em igualdade de circunstâncias. Assim, reconhecem–se faculdades de 1ª e de 2ª e consequentemente, cria–se o suporte de desigualdades no reconhecimento de direitos que são devidos a TODOS. Este precedente só vai contribuir para a total descredibilização da AAC, e pôr fim ao resto de capacidade interventiva que por ventura ainda tenhamos.

Ao invés de termos dirigentes associativos preocupados em fundamentar a defesa de um sistema de ensino público, universal e gratuito e de ir ao encontro das grandes necessidades da AAC, assistimos, como que resignados, a mais um alienante cortejo de adolescentes em plena crise existencial.

Por fim, e lamentando também que o projecto B, para além dos belíssimos momentos de poesia que a todos nos proporcionou, não tenha de facto mandado tudo para o "caralho", resta–me apelar à participação de todos os estudantes que tenham algo a dar, quer para a dignificação da AAC, quer na construção de um Movimento Estudantil efectivamente reivindicativo e de vanguarda.

A Assembleia Magna é, no meu entender, a plataforma que ainda resta aos que queiram fazer valer a sua opinião e que estejam empenhados em preservar uma Academia... ao menos, democrática!

Renato Teixeira

Ficha Técnica

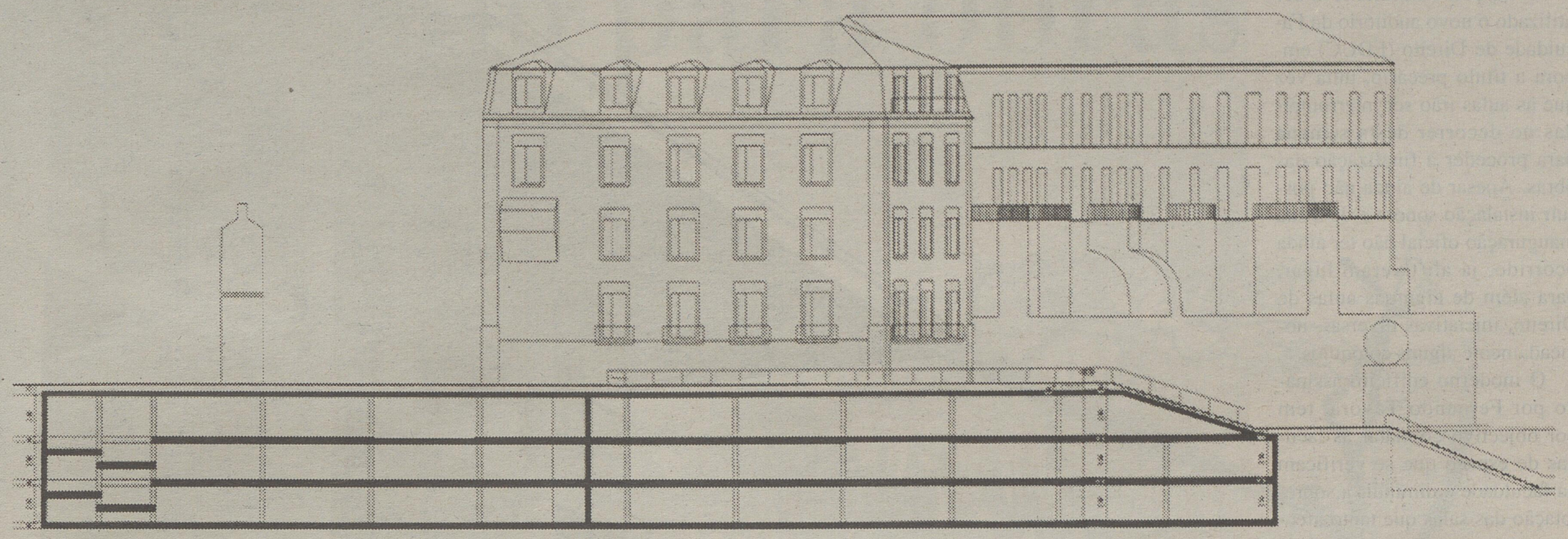
Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Nuno Curado, Rui Justiniano **Editores:** Cecília Santos, Helder Dantas **Redacção:** Ana Laura, Andreia Gouveia, Cristina Rodrigues, Eduardo Brito, Filipe Vicente, Guilherme Oliveira, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Márcia Oliveira, Pedro Correia, Tiago Marques **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Fernando Nunes, Rosário Salvado, Tiago Maranhão **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Pedro Correia **Publicidade:** Pedro Correia: 914177842 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Nuno Nossa/Diário de Coimbra.

Secção de Jornalismo

Uma série de novos projectos vai alterar a fisionomia da Alta

A nova velha alta universitária

A Universidade de Coimbra (UC) está apostada em remodelar a velha Alta universitária com modificações a vários níveis. A maior parte dos projectos já está concluída e as mudanças já estão a caminho.



Corte longitudinal da Praça D. Dinis com representação do futuro parque de estacionamento

As alterações previstas pela Universidade para melhorar o estado da Alta já estão em curso. A par das intervenções nesta zona da cidade, também se esperam obras de optimização nas áreas dos Pólos II e III da UC. A CABRA foi falar com o vice–reitor Seabra Santos para saber o que vai mudar nos próximos tempos na cidade de Coimbra.

Começando pela Alta, vários projectos se preparam para esta zona da cidade. Esta intervenção será realizada de acordo com o Plano de Pormenor preparado pelo arquitecto Gonçalo Byrne, cuja versão definitiva é esperada para o final deste ano.

As intervenções terão lugar em praticamente todos os edifícios da Alta. Algumas das mudanças mais siginificativas têm a ver com a Faculdade de Medicina (FMUC) e de Farmácia (FFUC), que passarão definitivamente para o Pólo III, junto aos Hospitais da Universidade. Quando tiver lugar essa mudança definitiva, o Palácio dos Melos, onde actualmente se encontra instalada a FFUC, servirá de sede à biblioteca da Faculdade de Direito. Já no lugar da actual FMUC serão instaladas várias valências universitárias, assim como alguns departamentos da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC), mas também uma área comercial e um estacionamento, para além de uma residência universitária.

Mas também outros edifícios passarão a ter funções diferentes. É o caso do Colégio de S. Jerónimo, onde será instalado o departamento de arquitectura da FCTUC e do Colégio das Artes, para onde passarão alguns institutos da Faculdade de Letras, enquanto que o futuro Museu das Ciências ocupará os edifícios do Laboratório Chimico e do Colégio de Jesus.

O estacionamento subterrâneo

Outro dos projectos para a Alta, este mais urgente e que avançará a mais curto prazo, é o estacionamento subterrâneo a construir no Largo D. Dinis, com uma capacidade para 460 automóveis e a distribuir em três pisos. Este novo parque irá permitir retirar definitivamente as viaturas do Pátio das Escolas e do Largo dos Colégios. A elaboração deste projecto será promovida nos primeiros meses do próximo ano, sendo que a fase de construção, se tudo correr como previsto, terá início em 2001.

Quanto ao apoio da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) nestes projectos, o vice–reitor afirma que "todas as intervenções que temos feito têm sido seguidas de perto pela Câmara Municipal (...) na maior parte dos casos temos tido licenciamento das obras por parte da Câmara em todas as situações em que isso é legalmente necessário". A sua intervenção, segundo Seabra Santos, torna–se ainda mais necessária quando se trata de um projecto com a dimensão e a importância de um parque de estacionamento. A nível de financiamento é sabido que a intervenção na Alta está a ser suportada quase exclusivamente pela Universidade. Há, no entanto, contribuições por parte da CMC, nomeadamente na construção do elevador entre o mercado e o topo da Rua Padre António Vieira e também na construção de uma segunda subida de acesso mecânico que atravessará o Jardim Botânico, partindo da Rua da Alegria até à zona onde actualmente se encontra o monumento a Luís de Camões. Estas são as duas intervenções da CMC em termos de financiamento.

Mas existe ainda uma outra intervenção, que se avizinha para os próximos tempos, e que vem na sequência das sondagens arqueológicas feitas no Verão deste ano no Pátio das Escolas e do espólio que foi lá encontrado, o qual superou todas as expectativas. Relativamente ao aproveitamento deste espaço, será lançado um concurso de ideias para que a Universidade decida o que será feito com ele. Na opinião de Seabra Santos, "é indigno manter este espaço como estacionamento automóvel". O lançamento do concurso de ideias terá também uma outra componente. Trata–se da construção de um novo Museu da Universidade, que não ocupará o espaço de nenhum dos museus existentes. "É um museu complementar que contará não só a história da velha Universidade, mas também a do espaço nobre em que ela está instalada".

Estas são as obras que, previsivelmente, vão acontecer a mais curto prazo, uma vez que as outras estão dependentes de certos desenvolvimentos que têm que ser previamente assegurados. É o caso das alterações a realizar nos edifícios da FMUC e da FFUC. Antes de se dar início às obras, é necessário promover a instalação destas faculdades no Pólo III. O mesmo acontece em relação às obras no Colégio de Jesus; é necessário reinstalar definitivamente os edifícios que lá se encontram neste momento, nomeadamente Geologia e Ciências da Terra.

Alta de Coimbra, Património da Humanidade?

A propósito desta remodelação da Alta coimbrã já se tem falado na concretização de um desejo antigo da Câmara Municipal de Coimbra, que é ver esta zona da cidade classificada como "Património Histórico da Humanidade" pela UNESCO. Sobre isto, Seabra Santos afirma preferir "fazer o trabalho de cada antes de pensar nessas coisas". Segundo o vice–reitor, esta é uma hipótese, mas "parece prematuro atirarmo–nos para vôos para os quais não temos asas. Muitas vezes lançam–se essas ideias para tentar escamotear dificuldades caseiras e lançar as pessoas em miragens de novas iniciativas, e fazer com que assim elas esqueçam os problemas do dia–a–dia", embora admita que este poderá de certa forma ser o estádio final. Porém, "primeiro é preciso fazer o trabalho de casa e depois, quando a casa estiver arrumada, e for possível apresentar uma candidatura plausível, se deverá pensar nessa possibilidade".

Mega–residência para o Pólo II

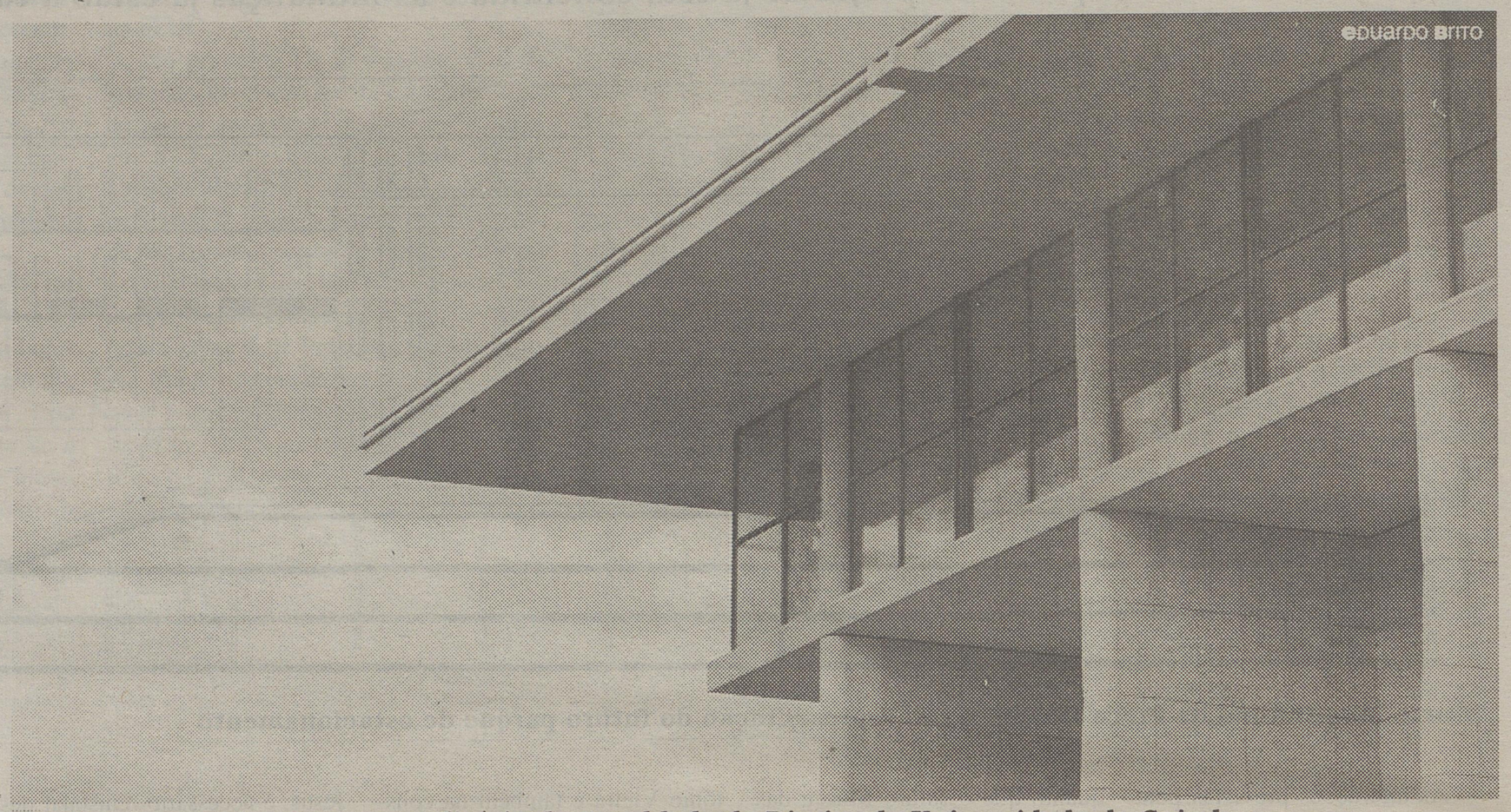
Todas estas modificações obedecem a um programa definido, que se encontra na dependência do Estado no sentido em que cabe a este dotar a Universidade de meios financeiros para prosseguir estes projectos. Destes, há alguns que já se encontram definitivamente consagrados, como é o caso do Pólo III, que neste momento se apresenta como uma realidade inultrapassável, uma vez que o Plano de Pormenor já foi aprovado pela Secretaria de Estado do Ensino Superior. Há também outros projectos cujas decisões em termos financeiros já foram tomadas. É o caso do edifício para a Faculdade de Desporto e Educação Física no Pólo II, e outros que estão para começar, como as novas residências do Pólo II. Já existe neste espaço uma residência com 130 camas, mas já há projectos para a construção de mais residências no Pólo II, nomeadamente o de uma "mega–residência", com 386 camas, e organizada com uma filosofia diferente da tradicional. Aqui procurou–se criar núcleos residenciais em vez de fazer uma residência tipo hotel, com quartos isolados, normalmente duplos. Na chamada "residência 3" vai–se concretizar um novo conceito de residência universitária com a criação de unidades habitacionais de oito estudantes, ou seja, uma espécie de pequenos T4, cada um deles dotado com capacidades de autonomia. A ideia é a formação de pequenas comunidades de oito estudantes que vão, cada uma delas, constituir–se como um todo. Cada conjunto de unidades terá também espaços de vivência comum, como salas de estudo e zonas comerciais, lavandarias e outro tipo de apoios desta natureza. O projecto da residência 3 está em elaboração e ficará concluído, em princípio, em Setembro ou Outubro do próximo ano.

Cecília Santos
Sílvia Matos

Alunos de Direito deixam de ter de "lutar pelo chão"

Auditório "maravilha" estudantes

Após anos a fio de longa espera por melhores infraestruturas, a Faculdade de Direito abre um novo e moderno espaço multiusos.



Já decorrem aulas no novo auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Começou finalmente a ser utilizado o novo auditório da Faculdade de Direito (FDUC) embora a título precário, uma vez que as aulas irão ser interrompidas no decorrer desta semana para proceder à finalização das obras. Apesar de ainda não possuir instalação sonora e de a sua inauguração oficial não ter ainda ocorrido, já ali tiveram lugar, para além de algumas aulas de Direito, iniciativas diversas, nomeadamente alguns colóquios.

O moderno edifício, assinado por Fernando Távora, tem por objectivo colmatar as lacunas de espaço que se verificam na faculdade e diminuir a sobrelotação das salas que tanto afecta os alunos. A obra, que vai no seguimento de uma ideia apadrinhada há anos por Orlando de Carvalho ainda durante o seu mandato como presidente do Conselho Directivo da FDUC, custou cerca de 289 mil contos, possui cerca de 500 lugares disponíveis e terá como principais utilizadores os alunos dos primeiros anos do curso. A sua inauguração irá ocorrer no mês de Fevereiro do próximo ano, com a presença do Presidente da República.

Previsto para ser terminado em Julho, o auditório foi concluído em Setembro e demorou cerca de dois anos a ser construído. No entanto, a obra ainda não está completamente terminada, uma vez que está a decorrer a adjudicação dos concursos referentes ao equipamento audiovisual. Em declarações ao Jornal Universitário de Coimbra, Sandra Passinhas, membro do Concelho Directivo da FDUC, referiu estar prevista a entrega da obra em Janeiro e acrescentou ainda que o próximo passo a ser dado pela FDUC será a construção faseada de uma nova biblioteca, num projecto a ser elaborado por Siza Vieira.

Ainda segundo esta fonte, uma das principais preocupações dos órgãos de gestão da faculdade foi dotar esta infraestrutura de material de elevada qualidade, o que levou a que parte dos custos fossem por ela comportados. Entretanto, muitas são as entidades que têm pretendido requisitar o espaço, pelo que foi elaborado um regulamento de utilização do auditório numa tentativa de o rentabilizar.

Obra incompleta

Segundo João Pires, membro da equipa que supervisionou o projecto, a construção do edifício "decorreu de uma forma normal tendo em conta a envergadura da obra" e também as dificuldades que se levantaram a nível técnico pela necessidade da realização de algumas alterações no interior da Faculdade de Direito, um edifício histórico. Este arquitecto realça também os entraves levantados por parte da Câmara Municipal de Coimbra e do Instituto Português do Património Arquitectónico que atrasaram a aprovação do projecto, através da solicitação de vários estudos. Por outro lado, refere também que as demoras que se estão a verificar a nível da instalação das infraestruturas multimédia e outros equipamentos devem–se aos prazos legais dos concursos públicos para a sua atribuição.

Na opinião do Núcleo de Estudantes de Direito (NED), o auditório é "uma obra excepcional para a FDUC mas não chega para colmatar a escassez de lugares na faculdade". O NED considera que, embora o auditório seja uma forma de diminuir as dimensões da problemática, "continua obviamente a haver falta de espaço e sobrelotação nas próprias salas" defendendo por isso a necessidade de novas infraestruturas.

Para os alunos, este novo auditório acaba por se mostrar um local com excelentes condições físicas que "vem colmatar lacunas a nível de estruturas" como refere Alexandra Lima, aluna do 5º ano. Porém, a sobrelotação na Faculdade de Direito é ainda uma realidade, obrigando muitos estudantes a sentarem–se no chão mas, nas palavras de Helena, do 1º ano, "é a vida"...

Emanuel Graça
Luís Cabral de Oliveira

Psicologia com trancas à porta

Alunos de psicologia em luta

Os alunos de psicologia estão em luta contra o actual sistema de colocação de estudantes nos ramos opcionais disponíveis para os alunos do 3º ano da licenciatura. Depois de várias reuniões com o Conselho Directivo e com o Concelho Científico, os estudantes passaram das palavras aos actos. A Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação fecha as portas esta semana.

O problema começou há três anos quando o "numerus clausus" de psicologia aumentou de 85 para 150, sem que tivesse havido, nas palavras de Nuno Araújo do Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação (NEPCE), "um aumento proporcional do número de vagas em cada um dos ramos de opção" com que os discentes se defrontam no final do 3º ano.

Os critérios de selecção dos alunos para entrar nos ramos são análogos aos da entrada no Ensino Superior. Para cada ramo há um determinado número de vagas, os alunos preenchem uma ficha onde colocam por ordem de preferência as opções e os critérios de colocação são a média e as cadeiras feitas. Anteriormente, com 85 alunos por ano, apenas ficavam de fora da primeira opção três a quatro estudantes. Agora, com 150 alunos e sem a garantia de abertura de mais vagas, muitos dos estudantes correm o risco de não ficarem colocados no ramo da primeira opção.

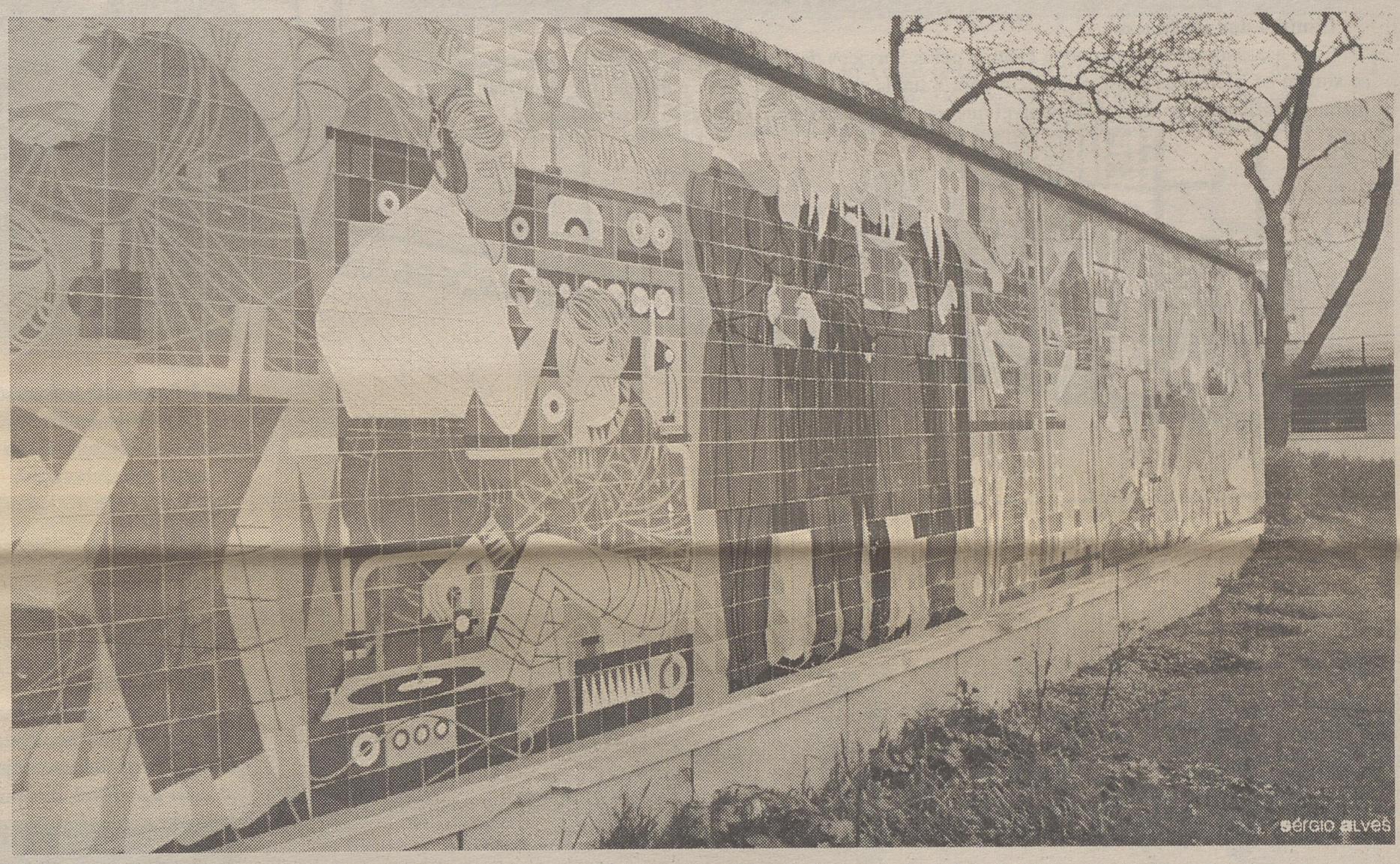
"Os alunos não podem ser impedidos de entrar na área que querem, todos nós já passámos pela entrada no Ensino Superior", afirma Nuno Araújo. O NEPCE lidera a contestação com base num inquérito pedagógico realizado pelos órgãos de gestão da faculdade no passado ano lectivo, onde os alunos expressaram a intenção de haver apenas um único critério de acesso aos ramos: o interesse pessoal dos alunos. A colocação mediante a escolha da área no 5º ano é o critério ainda vigente no curso de Ciências da Educação, o NEPCE está, contudo, receoso quanto à permanência desse critério e pretende salvaguardar os alunos de passar a existir um conjunto de filtros semelhantes aos de psicologia.

Depois de duas reuniões com o Conselho Científico (CC) e o Conselho Directivo (CD), o NEPCE não chegou a qualquer acordo, pois "não obtivemos qualquer garantia de resolução do problema das vagas", esclarece o porta–voz dos estudantes que acusa alguns elementos do CC de má vontade. À hora do fecho desta edição de A CABRA não foi possível entrar em contacto com nenhum membro do CC ou do CD da FPCE.

Caso o problema não seja resolvido depois da greve com cadeados dos dias 11, 12 e 13 de Dezembro, os contestatários ponderam as várias hipóteses: tanto pode haver uma nova "investida diplomática" com reuniões com os órgãos de gestão como novas acções de luta.

José Carlos Santos

Fechado para obras



Já conhecido de todos é o estado de degradação física do Edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC). Esta realidade condiciona o trabalho de todos aqueles que lá exercem as mais diversas funções, bem como a qualidade dos serviços que presta. Um projecto ambicioso que resolva de vez todos os problemas da segunda casa de tantos estudantes não só é urgente, como também já uma realidade.

A CABRA dá a conhecer as principais alterações que vão fazer parte de uma estrutura que ressurgirá de cara lavada, mas também com uma nova filosofia estética e funcional.

Nova



Cantina dos grelhados

Com a construção de uma nova cantina pelos Serviços de Acção Social (SASUC), este espaço onde se situam os grelhados passará também para a tutela da DG/AAC. Esta alteração irá significar um aumento significativo do espaço disponível que irá entrar já em todo o processo de remodelação.



Bar

A face a que todos estamos habituados quand
da. Depois de aquele ser transferido para a sala
posterior utilização ainda uma incógnita, assim c
encontra em elaboração.

Sala de estudo:

Esta vai ser a nova localização do bar, que se
a sua reestruturação. Pretende–se dotar este espa
serviço de qualidade conjugando funções de cent
ço mais agradável, dinâmico e completo.



Acesso Pedonal

De acessos difíceis e percursos no mínimo trabalhosos, andar a pé em Coimbra não é nada fácil. No entanto, segundo orientações do Plano de Pormenor da Alta, está estabelecida a criação de um acesso pedonal em conjugação com o novo projecto do edifício da AAC. Os caminhos entre a Rua Padre António Vieira e as Escadas Monumentais estreitarão assim com este acesso que ficará situado entre a AAC e o Edifício das Caldeiras, ditando a demolição do Mini–Auditório Salgado Zenha.



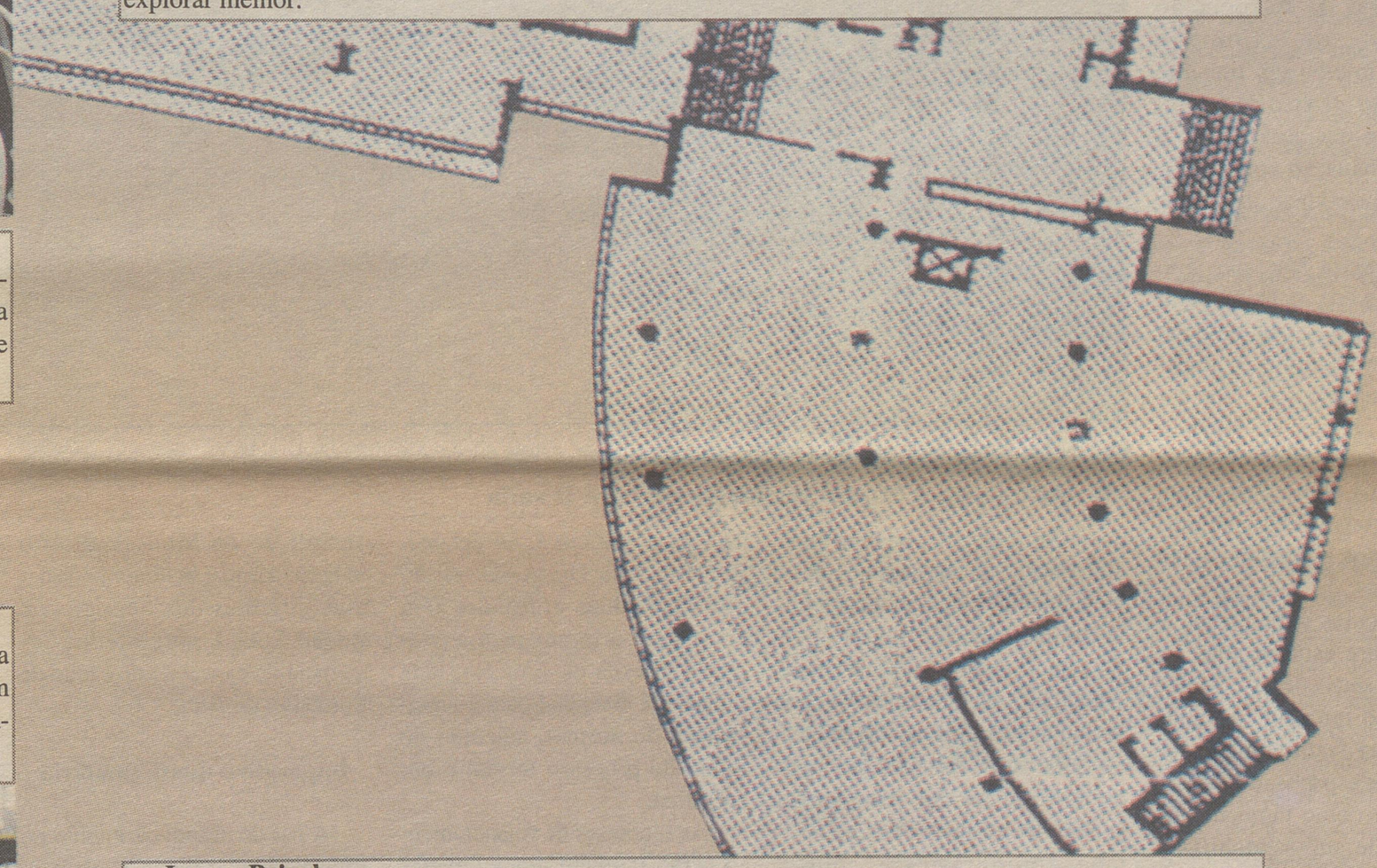
a AAC





Entrada

A política de centralização que está patente nas principais premissas do novo projecto estende–se para além do bar, transferindo também a entrada principal do edifício para um local estratégico. Esta passará então a situar–se perto do futuro bar, direccionada para o jardim, cujas potencialidades se pretendem explorar melhor.



do olhamos para o actual bar vai ser radicalmente alterade estudo, este espaço vai ficar disponível, sendo a sua omo muitos outros pormenores do projecto que ainda se

fará acompanhar de outras novidades quando concluída
aço com todas as condições necessárias para prestar um
ralização da actividade da academia com um novo espa-



Lago e Painel

Situado no jardim, este poderia ser um local agradável e de valorização para aquele espaço, não fosse o seu estado de degradação. Apesar de já ter sido contactada, a Câmara Municipal ainda não disponibilizou os meios para proceder à limpeza do lago.

Depois desta operação, pretende–se tirar maior proveito da beleza quer do lago quer do mural ali situado.



Textos de:
Cristina Rodrigues
Eduardo Rodrigues
Márcia Oliveira
Fotografias de:
Sérgio Alves

Nova AAC



Cantina dos grelhados

Com a construção de uma nova cantina pelos Serviços de Acção Social (SASUC), este espaço onde se situam os grelhados passará também para a tutela da DG/AAC. Esta alteração irá significar um aumento significativo do espaço disponível que irá entrar já em todo o processo de remodelação.



Bar

A face a que todos estamos habituados quando olhamos para o actual bar vai ser radicalmente alterada. Depois de aquele ser transferido para a sala de estudo, este espaço vai ficar disponível, sendo a sua posterior utilização ainda uma incógnita, assim como muitos outros pormenores do projecto que ainda se encontra em elaboração.



Entrada

A política de centralização que está patente nas principais premissas do novo projecto estende–se para além do bar, transferindo também a entrada principal do edifício para um local estratégico. Esta passará então a situar–se perto do futuro bar, direccionada para o jardim, cujas potencialidades se pretendem explorar melhor.



Sala de estudo:

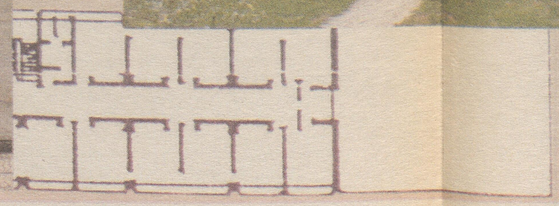
Esta vai ser a nova localização do bar, que se fará acompanhar de outras novidades quando concluída a sua reestruturação. Pretende–se dotar este espaço com todas as condições necessárias para prestar um serviço de qualidade conjugando funções de centralização da actividade da academia com um novo espaço mais agradável, dinâmico e completo.



Acesso Pedonal

De acessos difíceis e percursos no mínimo trabalhosos, andar a pé em Coimbra não é nada fácil. No entanto, segundo orientações do Plano de Pormenor da Alta, está estabelecida a criação de um acesso pedonal em conjugação com o novo projecto do edifício da AAC. Os caminhos entre a Rua Padre António Vieira e as Escadas Monumentais estreitarão assim com este acesso que ficará situado entre a AAC e o Edifício das Caldeiras, ditando a demolição do Mini–Auditório Salgado Zenha.





Lago e Painel

Situado no jardim, este poderia ser um local agradável e de valorização para aquele espaço, não fosse o seu estado de degradação. Apesar de já ter sido contactada, a Câmara Municipal ainda não disponibilizou os meios para proceder à limpeza do lago.

Depois desta operação, pretende–se tirar maior proveito da beleza quer do lago quer do mural ali situado.



Textos de:
Cristina Rodrigues
Eduardo Rodrigues
Márcia Oliveira
Fotografias de:
Sérgio Alves

Projecto de reestruturação da AAC

Casa nova?

O edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC), pelas condições deficitárias que apresenta, vai sofrer alterações de fundo. O projecto, que se encontra ainda em fase preliminar, tem já alguns contornos que vale a pena conhecer.

Ao longo de 40 anos de existência, o edifício da AAC viveu e sentiu as emoções de inúmeras gerações de estudantes que por lá passaram. Símbolo da unidade da academia coimbrã, deixou de ser uma mera estrutura para assim adquirir uma personalidade própria. No entanto, as marcas do tempo são notórias pela sua degradação, apelando cada vez mais a uma premente reestruturação.

Foi neste sentido que a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) iniciou um trabalho de base como alicerce de um futuro projecto que será levado a cabo em articulação com a Reitoria da Universidade de Coimbra (UC).

Esta primeira fase, em jeito de ante–projecto, consiste num levantamento das capacidades do edifício no sentido de aferir as suas potencialidades. Este estudo incidiu também na necessidade de conhecer os problemas tanto pontuais como gerais que afectam o bom funcionamento dos organismos e secções que lá estão sediados.

Questionados pelo jornal A CABRA sobre esta questão, as queixas dos seus sócios e representantes não faltaram. Apontado com mais frequência foi o problema dos espaços, tanto pela sua escassez como também por uma evidente sub–rentabilização. Exemplo paradigmático desta situação é o caso de secções que partilham salas ou até outras que não dispõem de qualquer espaço.

Um caso de caducidade extrema é o próprio sistema eléctrico, que não conseguiu acompanhar a realidade da AAC, sendo alterado de dia para dia.

Também deficitárias são as condições de segurança bem patentes na falta de saídas de emergência e até de simples extintores de incêndio. Os acessos para deficientes são também uma grave lacuna de toda a estrutura pela sua inexistência.

arquivo



O edifício da AAC vai ressurgir de cara lavada

A discussão a nível interno é condição "sine qua none" para o arranque e progressão do projecto. Será assim criado um espaço de reflexão em que participarão as secções e organismos autónomos conjuntamente com a DG/AAC. Apesar de prever as dificuldades inerentes a tal processo, Humberto Martins refere a necessidade de "fazer deste um processo de reflexão célere e produtivo". Esta é uma premissa essencial para cumprir o prazo previsto para a conclusão desta fase preliminar, definido como sendo o final do ano 2001. Só então se poderá pensar numa adjudicação do projecto.

Sendo pertença da Reitoria da UC, o edifício é, no entanto, tutelado pela DG/AAC, sendo que estas duas entidades têm conjugado esforços para a execução faseada do projecto. Esta união será essencial para a viabilização do mesmo, aquando do início do processo formal e burocrático.

As hipóteses de financiamento serão também equacionadas em conjunto, prevendo–se que este provenha tanto da própria Reitoria como também da Secretaria de Estado do Ensino Superior.

Já previsto como parte integrante do projecto está um acesso pedonal que servirá de ligação entre a Rua Padre António Vieira e as Escadas Monumentais. Este acesso ficará situado entre a AAC e o Edifício das Caldeiras, implicando por isso a demolição do Mini–Auditório Salgado Zenha, bem como as actuais oficinas dos Serviços de Acção Social, surgindo na sequência da execução do Plano de Pormenor da Alta.

Imperativo quase sanitário

A par do desenvolvimento do projecto global foram já efectuadas intervenções pontuais no sentido da requalificação do edifício. As primeiras iniciativas foram a reconstrução das casas de banho do rés–do–chão assim como a relocalização da papelaria

Neste sentido, estão também previstas duas alterações de fundo que definem uma nova filosofia para este espaço. Uma delas prende–se com uma radical mudança no bar. Este irá passar a situar–se na actual sala de estudo, pretendendo assim explorar a importância interna desta infraestrutura enquadrando-a com a posição central do jardim. Centralizar é palavra de ordem, no sentido de trabalhar numa maior unidade em volta da AAC.

Humberto Martins refere esta obra como "um imperativo quase sanitário", sendo que os problemas não seriam resolvidos com intervenções pontuais. Esta mudança pretende trazer grandes benefícios, tanto na adequação do espaço como também na dinamização de actividades de animação musical e teatral, entre outras, que ali irão ser promovidas. O novo bar irá dispor de um espaço mais amplo ocupando também a sala de ensaio da Secção de Fado que se encontra por baixo da sala de estudo. Todo este processo irá implicar uma reorganização e redistribuição dos espaços ocupados actualmente para o desempenho de outras funções.

Será ainda criado um novo espaço polivalente, tendo por objectivo responder às diversas necessidades dos vários grupos. Esta sala funcionará como "zona neutra" da qual todos poderão dispor, para realizar as mais diversas actividades. Esta representará uma mais-valia que "faz falta à AAC e que é actualmente uma lacuna", segundo o executivo académico.

Apesar da degradação e desadequação do estrutura aos dias que correm, o edifício da AAC continua a ter muita visibilidade e importância, não só no contexto da academia como também em termos arquitectónicos. Este é, afinal, um edifício classificado de corrente Bauhaus que serviu inclusivé de inspiração ao edifício da Fundação Calouste Gulbenkian.

Cristina Rodrigues
Eduardo Rodrigues
Márcia Oliveira



Ajude a acabar com a tortura, clique

www.stoptorture.org

As vítimas da tortura confiam em si

Amnistia internacional secção portuguesa
grupo local 23, apartado 1013 3030-395 coimbra

Editora da A Mar Arte realça o papel de poesia em Portugal

Poesia em tons de azul

Elsa Ligeiro é a protagonista dinamizadora do caminho percorrido por um nome editorial mais conhecido fora de Coimbra do que dentro da sua principal área de intervenção.

Um dos nomes mais sonantes do mercado livreiro alternativo está sediado em Coimbra. Chama–se A Mar Arte e, em conjunto com o projecto Alma Azul, tem apostado na divulgação de novos valores no panorama da literatura poética em Portugal. Elsa Ligeiro falou a A CABRA sobre o seu investimento cada vez maior na intervenção cultural, nas suas diversas vertentes.

Quando é que acaba a A Mar Arte e começa a Alma Azul?

A verdade é que a A Mar Arte é essencialmente uma editora de poesia com algumas características especiais - embora tenha muitas actividades relacionadas com os livros que edita sobretudo com a divulgação e a produção de poesia. O projecto Alma Azul tem características completamente diferentes, embora tenha uma viabilidade económica muito difícil. Faz algumas edições, mas a edição não é nuclear. Este projecto é uma produtora de actividades culturais. Apesar da nossa afectividade com o produto livro o que nós queremos é produzir eventos e festivais não só de poesia mas também de música e teatro. Ou seja, alargar o âmbito da nossa intervenção cultural a todos os níveis.

Qual é lugar que cabe aos novos autores, tendo em conta este cenário de que falaste?

O problema da A Mar Arte editora não é a alma que tinha e que continua a ter mas sim querer apostar em jovens autores sem ter apoios institucionais para isso. Esta editora tem um percurso que, tendo em conta a sua dimensão enquanto projecto comercial que não é, pode–se dar ao luxo de ter toda a liberdade que quiser. A grande desvantagem e vantagem da editora é a de estar em Coimbra, por causa da sua política cultural desigual em relação ao livro. Mas sou uma optimista nata. Tenho conhecimento de outros projectos nacionais e internacionais com estas características, como nós, utópicas e visceralmente poéticas, e que têm funcionado porque as câmaras muncipais onde estão inseridos apoiam–nos. São exemplos as câmaras como Guimarães e Vila Nova de Famalicão que apoiam e patrocinam projectos como éstes.

Qual é a área de intervenção da vossa editora e porquê Coimbra?

É evidente que escolhemos a cidade de Coimbra para fundar a editora porque gostamos das cidade e porque temos um potencial público que é uma grande massa associativa e juvenil. Um público ideal para as nossas actividades e para os nossos livros. Felizmente estamos numa cidade com algumas pessoas com alguma sensibiliade para a questão do livro e da poesia. São casos da Pró–reitoria para a Cultura da Universidade de Coimbra e da Delegação Regional da Cultura, a par do Dr. Abílio Hernandez. O Inatel também é excepção. É das poucas instituições em Coimbra que compra livros de poesia. Nesse ponto, acertamos em cheio.



Elsa Ligeiro, dinamizadora do projecto Alma Azul

> O risco é importante para quem se dedica à cultura, só assim encontramos alguns deslumbramentos

> A verdadeira poesia é algo que nos faz crescer, que nos faz ter novos horizontes, que nos permite um encontro e uma cumplicidade com o poeta

E a receptividade deste editora, a nivel do público leitor em Coimbra, é boa?

Sim. Mas devo referir que em termos de credibilidade e de prestígio é quando saio de Coimbra que noto esse "élan". É quando me desloco para outros centros urbanos, especialmente Porto e Lisboa, que vejo que ultrapassamos muitas fronteiras da zona centro. Esta editora é conhecida desde Viana do Castelo até Faro, Açores e Madeira incluídos. Sem pretensiosismos, creio que daqui a uns anos esta editora vai ser um ponto de refência, pelo menos como associação cultural. O espiríto era esse. Apesar de tudo, as pessoas conseguem fazer coisas que não dependem de meios, sejam institucionais sejam políticos. O mesmo se aplica a alguma promiscuidade entre certa imprensa e algumas editoras, em que aparecem dez livros num jornal e sete são da mesma editora. Por muito boas que elas sejam, não editam 70 por cento dos livros bons que são publicados em Portugal. Pelo menos para mim, isto é estranho.

E isso deve–se a quê, na sua opinão?

Há uma falta de especulação intelectual pelo próprio jornalista, que às vezes não lhe permite investigar e ver coisas novas, fora do seu próprio gabinete. Se calhar não procuram outras fontes e actividades em redor de determinados nomes que não são publicados, mas nos quais nós apostamos, mesmo sem qualquer lucro. É uma poesia para a qual queremos ter leitores e na qual investimos, não agora, mas a médio e a longo prazo.

Mas compreende que a poesia é das áreas menos lidas dentro da literatura em Portugal?

Vai ser sempre. A poesia é a parte mais importante de qualquer literatura. Não é por acaso que o nosso símbolo nacional é o Luís de Camões. É o núcleo que explica a nossa existência como povo. As grandes referências culturais e éticas, são pessoas ligadas à poesia. Tudo o que é grande nasce aí. Naquela capacidade de nos despirmos de tudo o que é secundário, de tudo aquilo com o qual podemos sobreviver, mas sem podermos avançar. A verdadeira poesia é algo que nos faz crescer, que nos faz ter novos horizontes, que nos permite um encontro e uma cumplicidade com o poeta. A poesia é para investirmos o melhor do nosso tempo. Daí o nascimento deste projecto em que queremos uma autenticidade muito maior.

O último livro lançado foi uma antologia de poesia brasileira organizada por Álvaro Alves de Faria. Como é que nasceu esta iniciativa?

Estamos integrados num projecto ibero–latino chamado "Hablar Poesia" que nos possibilita uma divulgação na América Latina, através de uma revista, e que nos permite chegar a paises como Argentina, México, Brasil entre outros pontos do globo. Esta iniciativa tem a ver com a tentativa de mostrar novos autores, mesmo correndo o risco de errar. Eu acho quea questão do risco é importante para quem se dedica à cultura, só assim encontramos alguns deslumbramentos. E na área da cultura, se tu não vais à procura do que é diferente, arriscas–te a repetir sempre a mesma coisa.

Assim, decidimos realizar e programar este "encontro" Alma Azul através deste livro de 156 páginas com 40 poetas brasileiros (Carlos Nejar, Adélia Prado, entre outros). Uma das razões que nos levou a fazer isto é porque toda a gente pensou em fazer lindos sobre o Brasil, com fotografias exóticas. Mas de poesia, zero absoluto. Os únicos brasileiros que conhecemos muito bem são os futebolistas. Eu não tenho nada contra o futebol. A verdade é que a divulgação desta poesia em Portugal, que não precisa de ser traduzido, é difícil. Ninguém a conhece.

Lançaram há pouco tempo uma página na Internet. Qual é o objectivo desta ideia?

A nossa página na Internet é totalmente diferente. O que existe normalmente é muita informação. Nós não queremos dar muita informação, pelo menos numa fase inicial. Queremos reunir aquele espírito e a nossa própria filosofia de estar com o mundo dos livros com a A Mar Arte editora e com a produtora de actividades culturais que é a Alma Azul e dizer as coisas importantes e essenciais e divulgar as nossas próprias actividades. Até porque grande parte das nossas visitas vêm do Brasil. Eu penso que é possível criar um elo de comunicação entre os países de expressão portuguesa.

Que outras actividades pretendem desenvolver sob a alçada da Alma Azul?

Além da nossa revista, da página na Internet e das sessões de poesia, estamos a pensar em fazer produções teatrais. Outra forma de estar no Teatro. Aqui em Coimbra, o teatro até tem uma boa imagem e uma boa relação com a cidade. Mas a grande fonte cultural que é o teatro em Coimbra, não acolhe qualquer tipo de apoio a nível municipal para uma aposta forte na projecção da cidade. Eu acho que se devia alargar esse diálogo para criar um evento com uma dimensão nacional e internacional que faz falta a Coimbra. É muita pena porque a cidade tem todas as características de avançar por aí. Eu gostava que a Alma Azul promovesse esse encontro de teatro. Mas eu não queria criar uma companhia de teatro. Nao temos qualquer ambição desse tipo.

Helder Silva Dantas
Mário Guerreiro

Jean Genet

O revolucionário conformado

Polémico no seu tempo, Jean Genet sustentou a antítese entre a inquietação e o conformismo necessário para que a luta não morresse.

O TAGV servirá de palco à exibição de uma das obras do conhecido dramaturgo francês Jean Genet. Polémico por natureza, Genet viveu uma vida recheada de contradições e conflitos, incertezas e desilusões.

Jean Genet nasce em Paris a 19 de Outubro de 1910. Filho bastardo de uma prostituta parisiense, perde a mãe apenas com sete meses de idade. Iniciou–se na vida do roubo e de marginalidade aos 13 anos, sendo preso várias vezes. Numa destas detenções, Genet escreveu aquela que é chamada a sua obra–prima, "Nossa Senhora das Flores": descrição poética de uma masturbação na cela. Esta obra corresponde à época em que diz que "a poesia é a arte de utilizar a merda e depois dá–la a comer".

A imagem de marca de Genet revelou–se publicamente como "um ladrão, cobarde, traidor e pederasta", posição esta que o afasta da sociedade, impedindo-a de o alcançar. Contudo, não decidiu ser como era: o roubo surgiu porque tinha fome e por diversão (quando o apanhavam era "a queda no abismo"). A pederastia é para ele uma bênção, justificando-a como sendo algo inato, sendo–lhe imposta como a cor dos olhos, o número que calça... Em relação a "traidor", intitula–se como tal, pois ganha direitos de autor e os seus companheiros estão na prisão: "traí o ladrão que eu era, para me transformar no poeta que agora espero ser. Não sou porém mais feliz...."



Jean Genet, o dramaturgo do teatro poético

Por outro lado, a sua condição de bastardo reduzia–lhe as perspectivas futuras, ou seja, apenas lhe restava desejar ser santo e mais nada, isto é, a negação do homem. Deste modo, julga que a relação santo/criminoso que se estabelece é a de solidão. Esta última palavra é, sem dúvida, uma das de sua eleição, visto proferir frequentemente frases como:" homens sós mantêm–se sós"; "sinto–me sempre à parte e nunca me sinto acompanhado, mesmo nas noites em que faço amor"; "não me quero aproximar dos outros, quero distância "; "gosto de estar com algúem, mas não gosto de estar misturado". Todavia, a sua iniciação na escrita não se ficou a dever ao facto de necessitar de quebrar o isolamento, mas antes pelo contrário, para o fortalecer. Neste sentido, aceita dizer que "frequenta a sociedade como escritor", mas nega e repele o título de cidadão: "Não gosto de conviver e não há nisto grande mérito". Com efeito, assume–se como um eterno amaldiçoado pela gente do bem e um traidor dos criminosos, vivendo deste modo numa reprovação que não o desagrada pois compara–se a Lúcifer, com as devidas proporções, ser reprovado por Deus. Porém, esta reprovação não é sinónimo de descrença: "Acredito em Deus, pois nada de visível me obriga a isso".

Genet coloca–se em todos os seus livros, mas mascara–se sempre através das palavras, escolhas, atitudes, com a magia. Assim, uma questão levanta–se: porquê a utilização de vocabulário obsceno nas suas obras? Ler Genet é o mesmo que passar uma noite num bordel - ele justifica isto afirmando simplesmente que "não existem palavras obscenas. Mas, se existirem, há que utilizá–las, pois caso contrário não seria necessário inventá–las." Desta forma, considera que o papel do verdadeiro artista é valorizar as palavras sejam elas quais forem. Contudo, acha que não se pode falar em revolução poética/artística já que, no seu entender, a palavra revolução implica uma transformação violenta e radical de forma a alterar o mundo. Revolução poética, no seu entender, define–se por: erotismo, descaramento, divertimento, estar à margem, diamante, vestido de púrpura, sangue, esperma, flores, olhos, coroa, armas, estandarte de brocado de ouro, unhas, colar, lágrimas, vento, outono, ilusão, margem, ritual, culto, magia, medium, litania, monarquia, chuva, marinheiro... Acerca deste assunto refere, em jeito de conclusão, que tem a certeza que não transformou a mentalidade da sociedade, pois não acredita que um homem possa transformar–se com aquilo que ele escreveu, apenas pode detestar ou aderir, nunca transformar–se.

A nível político, apenas se pronuncia dizendo que não gostava que se operasse nenhuma revolução, pois o regime em que vivia permitia–lhe a revolução e a revolução talvez não lhe permitisse a revolta individual. Esta posição deixa transparecer um ponto de vista egoísta que culmina na célebre frase: "Gostava que o mundo não mudasse para eu poder esta sempre contra ele".

Em suma, pode–se concluir que Genet é considerado como o primeiro escritor do Mal, usando-o como um escudo de protecção, como o manto que o cobre e protege da "feroz" sociedade e, talvez, de si próprio. Genet não embarga em si, sequer, a ideia de Bem, não se sente solidário com outros criminosos, porque isto era pressupor o Bem. Mas sim pode-se sentir solidário "com todo e qualquer homem só". É por isso um adepto da solidão e da rebeldia.

Genet acabou por viver o resto dos seus dias em Marrocos (lugar que exerce sobre si algo de misterioso, sensual, erótico) andando na passeata e residindo num hotel. Estava consciente do facto de estar condenado à morte, isto é , ser vítima de cancro, acabando por falecer em 1986, confessando que na sua vida só existiram uns tantos clarões, o resto é todo ele "pardacento". Enfim, o seu maior sonho era fazer uma ruptura na ordem, e sem sombra de dúvidas, conseguiu...

Anselmo Câmara
Paula Velho

O esplendor de Jean Genet

Teatro Académico de Gil Vicente abre portas ao dramaturgo francês

No próximo dia 14 de Dezembro, às 21h45, o Teatro Académico Gil Vicente levará a palco a peça intitulada Splendid`s, do dramaturgo francês Jean Genet. Esta obra, nascida em 1948 e que tem por base a própria experiência pessoal do autor, integrará actores, dançarinos e manequins, traduzindo–se desta forma num espectáculo rico em personagens, ou seja, onde actor e marioneta se confundem, resultando daí uma fusão entre ambos.

Será interpretada pela Escola Superior Nacional das Artes da Marioneta, de Charleville–Mézières, que adoptou este projecto em Junho de 1999, transformando a peça de Genet num espectáculo de manequins e actores mascarados, juntando–se a estes alguns bailarinos do Performing Arts Research and Training Studio.

O principal objectivo é, sem dúvida, proceder a uma tentativa de desenvolvimento das relações físicas entre as pessoas e os manequins.

Deste modo, a marioneta torna–se o parceiro ideal para o bailarino, isto é, dá–se então a confrontação de um com o outro, gerando assim um ponto de equilíbrio entre Homem e máquina.

Com efeito, logo se depreende que o teatro de Genet é como o "lugar vizinho da morte". Por outras palavras, a máscara é o elemento intermediário entre o bailarino e o manequim, unindo ambos. Verifica–se, portanto, uma oscilação entre o humano e o fantasma, o sonho e a realidade, a vida e a morte. É isto que descreve Splendid´s: "Tudo evoca este limite frágil que existe entre o movimento e a inércia, entre o bailarino e a marioneta, como um deslizar imperceptível entre o que é e o que não é real."

A dança é um elemento importante ao longo da peça, aludindo à vulgaridade do movimento. Em Splendid´s a dança caracteriza–se, essencialmente, como "uma base contínua" que culmina na perfeição artística, quer da peça em si e por si, quer do actor.

A história de Splendid´s passa–se no sétimo andar de um opulento Hotel, cuja designação dá origem ao nome da peça. Aí, um grupo de marginais mantém retida a filha de um milionário norte–americano. A peripécia ocorre quando um dos raptores, sem intenção, mata a refém. Por conseguinte, o chefe do gang vê–se obrigado a assumir a identidade desta.

Este acontecimento é o ponto fulcral desta falsa trama policial, que gradualmente sofre uma alteração entre o romance negro e o número de travesti; o drama metafísico e gag cómico.

Em suma, trata–se de um espectáculo que prima pela originalidade e pela variedade de intervenientes.

Splendid´s conta com a interpretação de Sofia Brito, Jonathan Capdeville, Rita Lucas Coelho e Ellem Shiess, tendo a duração de 1h45 (sem intervalo), variando o preço dos bilhetes entre os 1800$00 (valor facial) e os 1000$00 (estudantes).

Anselmo Câmara
Paula Velho

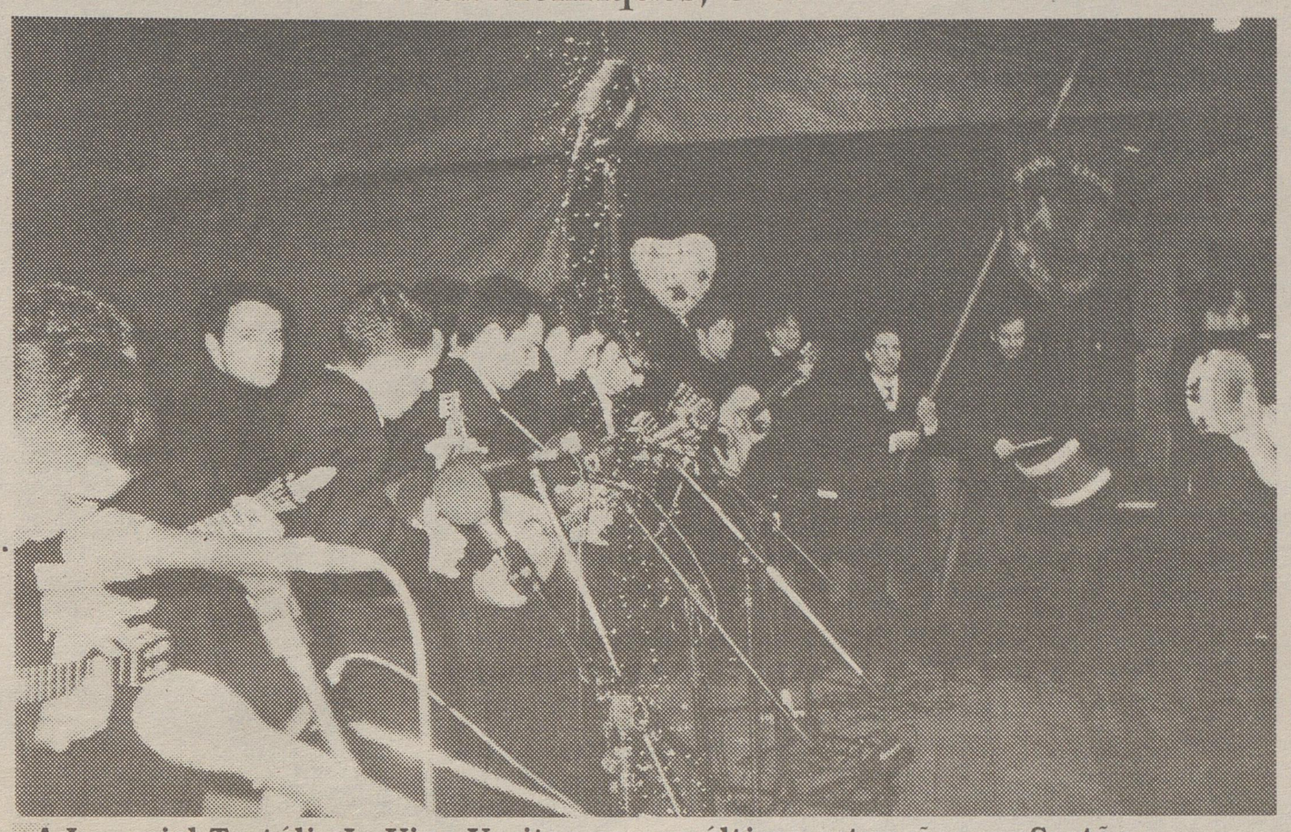
A Imperial Tertúlia sopra nove velas

A Verdade está no vinho

No próximo dia 17 a Imperial Tertúlia In Vino Veritas comemora nove anos de existência. A CABRA foi assistir a um ensaio da Tertúlia e falou com Rui Henriques, o Chanceler.

Uma noite morna, as árvores eléctricas anunciando o Natal próximo, o bar da AAC cheio como sempre. Eis que a um canto se brinda ao nascimento de uma nova forma de se viver Coimbra. A ideia até nem é nova: há muito que vinha amadurecendo no espírito dos que brindam, há muito que se fazia necessária. Os copos erguidos, saudando o futuro e eis Baco, príncipe dos príncipes de Coimbra, decretando a mais simples das certezas: a verdade está no vinho.

Para Coimbra e para a história nascera, na noite de 17 de Dezembro de 1991, a Imperial Tertúlia In Vino Veritas. Volvidos nove anos após a sua fundação, a In Vino Veritas (IVV) continua fiel aos princípios que a viram nascer. O apreço pela praxe coimbrã em toda a sua amplitude é, no dizer de Rui "Dijas" (é assim conhecido o Chanceler da IVV) a "pedra angular" da Tertúlia, verdadeira, como faz questão de se afirmar. Assim, constitui–se como um espaço de diálogo e de troca de ideias entre os seus membros sobre variados temas que gravitam preferencialmente à volta de questões relativas à Academia e à cidade. Apartidária mas não apolítica, a IVV faz do espírito de companheirismo e da discussão em torno de problemáticas como a da dignidade da praxe ou da política educativa, um ponto de honra. A forma como se encara e se pratica a praxe nos dias que correm é talvez a questão que mais preocupa estes tertúlios. Nas palavras de Rui "Dijas", "a praxe da mais antiga Universidade do país, tradicionalmente, o padrão de todas as outras, tem vindo a ser progressivamente desvirtuada, como que reabsorvida por costumes estranhos ao código coimbrão. Acontece também que os estudantes não sabem usufruir do ritual da praxe. A mobilização do caloiro é apenas uma partícula de um código do qual a maior parte da comunidade estudantil desconhece quer as raízes, quer as razões".



A Imperial Tertúlia In Vino Veritas na sua última actuação, em Sertão

Música e espírito de debate

No entanto, e em abono da verdade, a Imperial Tertúlia In Vino Veritas é mais conhecida, não por funcionar como espaço de literal tertúlia, mas por ser uma das referências musicais da Academia de Coimbra. A música da Tertúlia, e o relativo sucesso que grangeou, é uma das suas facetas mais importantes, e a ela se deve em grande parte a sobrevivência da IVV ao longo destes nove anos. Com um repertório que incide essencialmente na recolha e adaptação de temas populares da região de Coimbra, privilegiando instrumentos cordófones como o bandolim, a clássica viola, braguesas ou beiroas, a IVV não põe de parte a originalidade, apresentando também temas da sua própria autoria. Apesar de ainda não possuírem um registo discográfico em nome próprio (à excepção de faixa "Jovens Sereias" incluída numa colectânea encomendada pela AAC/OAF), a IVV tem arrecadado diversos prémios em espectáculos e festivais um pouco por toda a região, tendo inclusivamente, realizado viagens ao estrangeiro: ainda este ano voaram até Itália e actuaram em Cassino, a 80km de Nápoles, onde deixaram boas referências. O mesmo se passou em Salamanca, em Março deste ano, onde uma suposta "rebelião" por parte dos "Bagos", organizados em torno do reavivar do "Sindicatus Bagorum", acabou com os revoltosos a agradecer, trajes menores à mistura, em plena Plaza Mayor, a honra de uma serenata à IVV dedicada por uma Tuna Feminina daquela Universidade espanhola, provocando um sorriso cúmplice em todos os que por ali passavam: "Estos Portugueses están locos".

À parte disputas menores, que a exemplo do sucedido em Salamanca acabam sempre da melhor forma possível. A coesão e o companheirismo existente entre os membros da Imperial Tertúlia determinam, mais que a música ou o espírito de debate, o sucesso da IVV como um todo dinâmico, representativo da cultura da Academia e da cidade. Rui "Dijas" reconhece que os melhores momentos da IVV coincidiram com os momentos de maior coesão do grupo, concluindo que, quase impreterivelmente, é o factor humano que explica nove anos de existência. Nestes termos, e segundo o actual portador do Livro Negro da In Vino, os últimos dois anos foram excelentes, como que o renascer da Tertúlia após um período de maior fragilidade. Este ano, se existe algum problema, ele não diz respeito à coesão do grupo, mas à falta de caras novas que possibilitem o crescimento da IVV. Contando com cerca de 30 tertúlios no activo, a IVV declina o título passivo de Tuna Académica. É, antes de mais, uma tertúlia atenta ao que se passa na Academia, um espaço de debate, diferente dos que ocasionalmente surgem, por envolver um número relativamente grande de intervenientes, e por conseguir manter esse espaço ao longo de diversas gerações de estudantes, encontrando–se sempre aberto a todos os que queiram dar à sua vida académica uma nova dimensão.

Nove anos depois, a IVV lança–se ao desafio de conquistar a Academia e o público em geral. A gravação de um CD como concretização de um projecto já antigo, prefigura–se como um dos objectivos que se propõem a curto prazo. Do mesmo modo (e porque a IVV não se restringe à componente musical), no intuito de proporcionar no seio da Academia um espaço de verdadeira tertúlia, extensível à comunidade e a todos os espíritos críticos, a IVV pretende vir a constituir–se como Associação Cultural sem, no entanto, prescindir dos ideais que presidiram à sua fundação. Entretanto, afiguram–se como possíveis deslocações ao Brasil (no âmbito de acordos firmados com a edilidade, tendo em vista o intercâmbio cultural entre Coimbra e as cidades com que se encontra geminada) e Granada, promovendo assim a canção tradicional coimbrã fora de portas.

Nove anos depois, em ambiente familiar, de uma família que conta já com três gerações, brindar–se-á outra vez. Brindar–se-á ao passado, saudar–se-á o futuro. Amar–se-á Coimbra mais que nunca. As árvores eléctricas hão–de lembrar um Natal ainda para vir. E Baco lembrará uma vez mais, a mais simples das certezas: a verdade está no vinho.

João Pedro Marques
Marco Carvalho

O caminho de um tertúlio

O apreço e respeito que a Imperial Tertúlia nutre pela praxe da cidade dos estudantes parece fazer adivinhar uma sólida organização e hierarquização no seu seio. Assim acontece. O Chanceler é o portador do Livro Negro, código onde se cristalizam as normas da Tertúlia e onde são registados os seus momentos mais importantes e significativos. Ali se expõe o (mais ou menos) longo processo que o candidato terá de atravessar até chegar ao estatuto de tertúlio ou in vino, membro de pleno direito e palavra no seio do grupo. Em traços gerais, o recém–chegado responde pelo nome de "passa" e, azar o dele, passará invariavelmente ao lado das iniciativas e decisões tomadas. Depois será apelidado de "bago". A "consciência de classe" destes já os levou, com mais ou menos sucesso, à organização do "Sindicatos Bagorum". Com uma contagiante boa disposição, Rui "Dijas" conta a A CABRA um episódio passado em Salamanca onde, seguindo esta linha de raciocínio, a "entidade patronal" se encarregou de abafar a "rebelião". Numa fase posterior, o proponente é designado por "mosto" e, ocasionalmente, poderá já ser ouvido. O "mosto" ascenderá a tertúlio, ou in vino, quando uma inequívoca maioria de tertúlios considerar que este reúne as aptidões e requisitos necessários para ser um deles.

Aqueles que já deixaram a Universidade de Coimbra são chamados de bagaços. Fazendo lembrar as primaveras que a Tertúlia já atravessou, são recebidos com o mesmo carinho e companheirismo de sempre naquelas ocasiões (como será a próxima festa de aniversário) em que se juntam àqueles que, com empenho e afinco, continuam o seu impulso original.

As cerimónias de investidura dos novos In Vino são realizadas nas Escadarias Minerva. Isto porque a Tertúlia se diz protegida pela Deusa Minerva, a ela devendo os atributos da Eloquência e da Arte. Naquele lugar repleto de simbolismo, pretende–se que os novos membros venham a partilhar daqueles elementos basilares da Tertúlia a que acabam de se juntar.

JMP
MC

Teatrão em risco de fechar

O cair do pano...

Teatro para a Infância de Coimbra sem subsídios

A actividade do Teatrão (Teatro para a Infância de Coimbra) ficou seriamente comprometida, senão quase condenada, com a mais recente deliberação do Instituto Português de Espectáculos (IPAE). Este organismo afecto ao Ministério da Cultura (MC) decidiu cortar o subsídio ao Teatrão para o biénio 2001/2002, que no ano passado atingiu os 12.500 contos.

Como justificação para esta decisão, o IPAE apontou a falta de contributo inovador daquela companhia de teatro, referindo ainda que esta não tem vindo a efectuar uma actividade regular. No entanto, o Teatrão contabiliza já, num espaço de seis anos de trabalho, um total de 500 espectáculos aos quais assistiram cerca de 46.000 espectadores.

O corte foi significativo em todo o país, sendo que apenas Porto e Lisboa é que ficarão representadas neste género teatral em território nacional. No seguimento desta deliberação, estão pensadas manifestações de desagrado, como é o caso de Vila Real, que pensa manifestar–se *na cerimónia de inauguração do* Porto 2001.

Esta posição não é de todo assumida pela direcção da companhia conimbricense, que pretende manifestar o seu desacordo de forma mais produtiva, mostrando trabalho concreto. Neste sentido, foi elaborado um plano de resistência que permita a sobrevivência do grupo no ano 2001. Como premissa essencial, referem a importância da qualidade do serviço prestado, apesar deste diminuir em quantidade. Segundo Deolindo Pessoa, director do Teatrão conimbrisense, "trata–se de mostrar que estamos vivos sem prescindir dos nossos critérios de qualidade".



O Teatrão pode ser obrigado a encerrar as portas

Entretanto, a companhia tem mobilizado esforços no sentido de conseguir o financiamento mínimo que permita a efectiva circulação do espectáculo, procurando apoios alternativos ao MC, nomeadamente junto das autarquias locais e outras entidades regionais. Os contactos estão já agendados com as diferentes entidades, no sentido de fazer um ponto de balanço que permita programar concretamente o que fazer no próximo ano.

As manifestações de solidariedade para com o Teatrão começaram já a tomar corpo. Depois de uma carta escrita pelos alunos da Escola do Centro de Paralisia Cerebral de Coimbra endereçada ao Ministro da Cultura, aquele grupo fez um apelo à comunidade local e escolas do distrito de Coimbra pedindo que manifestem a sua opinião relativamente ao trabalho prestado.

O trabalho promete, portanto, continuar, mais arduamente mas com a certeza de que "não vamos cruzar os braços".

Márcia Oliveira

"História do Primeiro Dia" no Teatro de Bolso

O grupo Encerrado para Obras traz à palco peça infantil

O TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) continua no seu louvável esforço para dinamizar a vida cultural de Coimbra e da nossa Associação, levando vários grupos de teatro a apresentar os seus trabalhos no Teatro de Bolso, como é sabido, sito no 1º andar do edifício da AAC.

Depois dos SubUrbe, d'O Enigma de Kaspar Hauser, de Pedro Saraiva Brandão e de Striptease - o primeiro trabalho dos recém–formados Prensa, é o Encerrado Para Obras - Associação Cultural e Artística que apresentou no Teatro de Bolso, quarta–feira dia 6 de Dezembro,a sua 7ª produção: Histórias do Primeiro Dia, uma adaptação dos contos de Ted Hughes "How the Whale Became and Other Stories". Trata–se de uma deliciosa peça infantil onde dois actores contam ao público como é que animais como a baleia e a tartaruga "se tornaram naquilo que são". A adaptação dramatúrgica, encenação e direcção de actores é da responsabilidade de David Cruz, que nos ofereceu um espectáculo divertido, cativante e engenhoso nas soluções criativas da encenação, dramaturgia, cenografia, figurinos, todos estes elementos apresentados de uma forma esteticamente rica e muito funcional.

É de notar o facto de o Encerrado para Obras ser uma associação pouco apoiada a nível financeiro, o que no entanto não impede que sejam apresentados espectáculos de qualidade. Histórias do Primeiro Dia é o tipo de espectáculo que faz hoje falta à infância dos nossos dias, sem motivos para aborrecimentos nem para dificuldades de compreensão por parte das crianças. É contada uma história simples e pouco pretenciosa para usufruto do público quer a nível do entretenimento, quer a nível da moral, sempre tão presente nas histórias para crianças. Esta moral, no entanto, não surge de forma austera ou predominante, mas brilhantemente subtil e mais em jeito de exercício de imaginação.

A interpretação é de Kalash da Silva e de Estela Lopes, sublinhando–se a actuação desta última na execução da guitarra acústica dos temas compostos por David Cruz, cantados pelos dois actores. Simples e brilhante está também a cenografia, adereços e figurinos, por Kátia Sá.

Este espectáculo estreou a 24 de Dezembro no Auditório do IPJ e espera–se agora que circule pelas escolas e outros espaços de Coimbra.

David Pereira Bastos

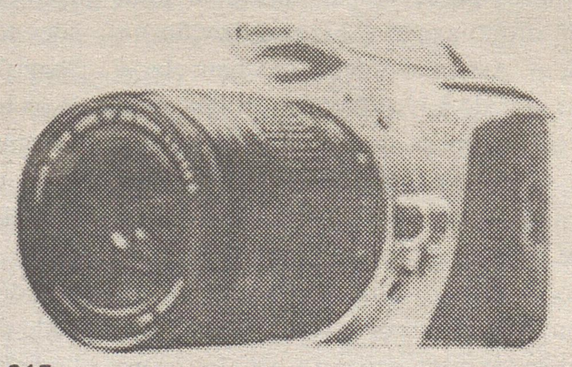


Promoção de Natal Só para estudantes

Canon Eos 300 + Kit 28-80mm

Apénas 80.000$00

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915



Cinema

Cinemas Milenium

Cineteatro - "Dinossauro" *de Ralph Zondag*
13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45 (todos os dias)
00h15, às sextas, sábados e quartas

Estúdio 1 - "Grinch" *de Ron Howard*
14h30, 16h50, 19h10, 21h30 (todos os dias)
00h30, às sextas e sábados

Estúdio 2 - "Anjos de Charlie" *de Leonard Goldberg*
14h00, 16h00, 18h00, 20h00, 22h00, às terças, quartas e quintas
00h30, às sextas e sábados

Sessão especial - "Dancer in the Dark" *de Lars von Trier*
19h00, às terças, quartas e quintas
00h30, às quartas-feiras

Castello Lopes

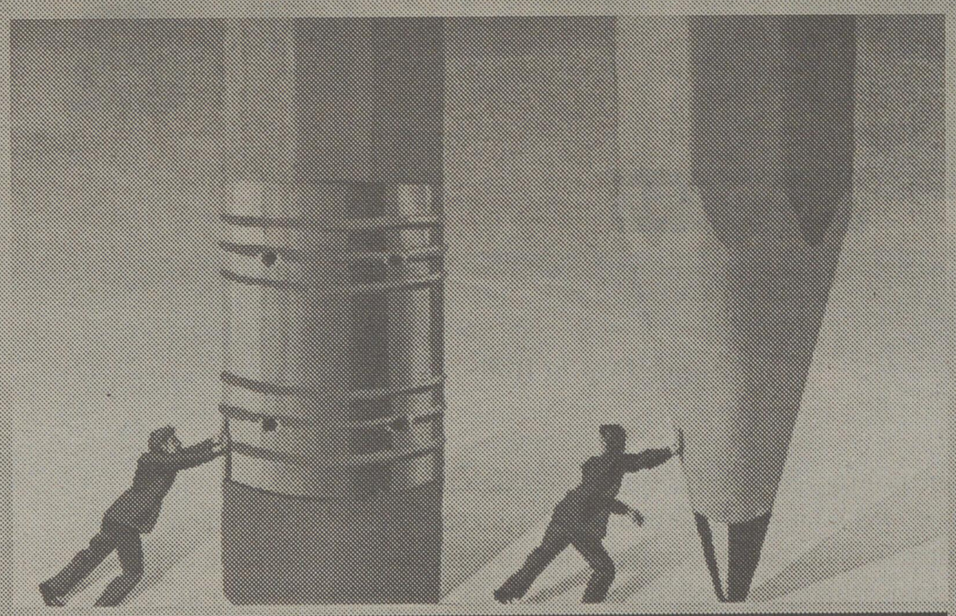
Sala 1 - "Uma mão cheia de surpresas" *de Woody Allen*
14h30, 16h45, 19h, 21h30

Sala 2 - "Espíritos inquietos" *de David Koepp*
14h45, 17h00, 19h15, 21h45

Teatro

"Splendid's" de Jean Genet, com encenação de Bideau-Rey e Giséle Vienne.

14 de Dezembro, às 21h45 no TAGV



Concurso de Crónicas

Promovido pela Reitoria da Universidade de Coimbra, no âmbito da sua 3ª Semana da Mostra Cultural, o concurso de crónica destina-se a todos os elementos da comunidade universitária.

Instituindo a "Vida Universitária" como tema central e obrigatório, pretende-se que a entrega dos originais seja feita no período que vai de 8 a 19 de Janeiro do ano de 2001, no Serviço de Relações públicas desta Universidade.

Música

Concerto de Natal na Capela da Universidade.

Em celebração desta quadra, o coro da Capela da Universidade de Coimbra vai organizar o seu habitual concerto de Natal.

13 de Dezembro na Capela da Universidade

Televisão

O Fura Vidas (série)
SIC 21h00 Quartas-feiras

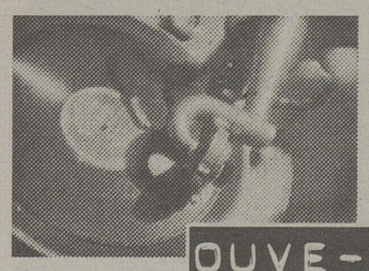
Toda a Verdade : "Bébés do Mundo" (documentário)
SIC 03h00, Terça-feira 12 de Dezembro

Zapping
RTP2 23h00 Quartas-feiras

Encruzilhada (filme)
RTP1 01h20 Quinta-feira, 14 de Dezembro

A Guerra do ópio (filme)
RTP2 00h00 Quinta-feira, 14 de Dezembro

artes



OUVE-SE

Super Pop `n Roll

Sejam muito bem vindos ao mundo da chamada brit pop onde Beattles e Oasis lançam compilações no mesmo dia para ver quem vende mais (é claro que os primeiros levam uma larga vantagem) e os Brur piscam o olho aos mais desatentos, colocando num só disco alguns dos melhores hinos da pop dos anos 90. Como aperitivo deste "best of", surge desde logo um novo single, "Music Is My Radar", com um vídeo magnífico e uma sonoridade arrojada para quem costuma vender aos milhares. Convém ainda realçar que, numa primeira edição, podemos encontrar um segundo cd ao vivo (que relembra o concerto de comemoração do 10º aniversário da banda).

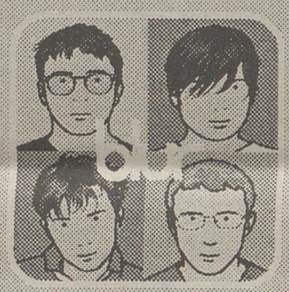
Ao longo de 18 temas, os 6 capítulos da vida desta formação britânica são aqui diferenciados, negligenciando o início de carreira e dando demasiada importância a "Parklife", acabando por não incluir algumas das melhores canções (como "Country Sad Ballad Man" ou "Sunday, Sunday") dos Blur que são preteridas em relação a singles de sucesso garantido.

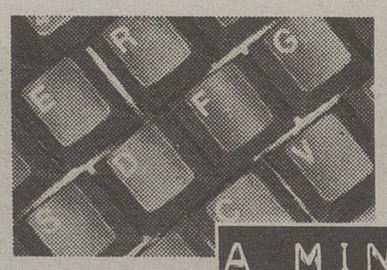
Ao lado dos Suede e dos Pulp, os Blur continuam a baralhar os dados, à partida viciados, da Brit pop e mantêm uma dose de originalidade que atravessa fronteiras entre temas como "Song 2" ou "The Universal".

Canções... leva–as o vento, que por acaso tem dado tantas voltas que nos trouxe algumas de volta.

Blur

"The Best of..."
(Food, 2000)





A_MINHA_NET

as mais belas fotografias e um mundo de jornais

Para os apreciadores da boa fotografia, aqui ficam dois sites onde se podem encontrar óptimos exemplares desta forma de arte. Em

www.thenocturnes.com



pode ser apreciado um conjunto de imagens nocturnas de rara beleza, susceptíveis de nos transportarem aos cenários mais estonteantes, viajando sempre de noite. Já em

www.masters–of–photography.com

encontramos obras de diversos fotógrafos consagrados, cada um dentro do seu estilo próprio. Assim, por exemplo, podemos encontrar diversas fotografias de Alvin Langdon Coburn, de cariz mais paisagístico e arquitectónico, ou peças eminentemente clássicas como as de Walker Evans, datadas das décadas de 20 e 30. Mas também se encontram alguns exemplares de fotografia do século passado, como os clássicos retratos de Julia Margaret Cameron, realizados no final do séc. XIX. Robert Mapplethorpe tem também alguns exemplares da sua obra expostos neste site, aos quais também podemos chamar retratos, embora numa acepção mais lata do termo, uma vez que este autor se dedicou a retratar pessoas das formas mais peculiares, o que talvez se deva à altura de realização da obra, que data dos anos 70 e 80. De destacar também a presença neste site da obra do consagrado autor brasileiro Sebastião Salgado, entre vários outros.

Agora, para aqueles para quem a informação é vital, aqui fica uma morada na qual se podem encontrar quase todos os jornais do mundo. Em

Gerrit Heinz



Wandernde wolken (Wandering clouds)

www.thepaperboy.com

basta referir qual o país cuja imprensa se procura para que seja logo fornecida uma lista com todos os jornais disponíveis lá produzidos. Demais será dizer que, no rol dos jornais portugueses, A CABRA encontra–se logo no topo da lista.

Cecília Santos

Madredeus



"Antologia"
(EMI, 2000)

Um eléctrico chamado Madre–de–Deus

Cinco álbuns depois do início da viagem, os Madredeus resolveram agora, neste ano simbólico de 2000, fazer o balanço de um percurso que, como poucas bandas nacionais se poderão orgulhar, foi sempre ascendente, e que o continua a ser, mesmo depois da aclamação da crítica mundial.

Desde que, em 1988, cinco músicos resolveram gravar «Os Dias da Madredeus" numa velha Igreja de Lisboa, até 1997, ano em que lançaram o seu último álbum de originais («0 Paraíso»), a música dos Madredeus, nunca negando as suas raizes na tradição musical portuguesa (o fado, o folclore e a saudade), foi encontrando novas formas de as exprimir.

Numa busca da harmonia, o gênio de Ayres Magalhães continua a ser a força criativa que assina quase todas os poemas a que Teresa Salgueiro empresta o sentimento interpretativo da sua voz, acompanhada pela sublime composição que brota do virtuosismo dos músicos. Mas os sempre esgotados espectáculos internacionais que os levaram a todo o mundo colocaram–nos em contacto com novas culturas musicais que, a julgar por "Oxalá" e "As Brumas do Futuro", temas inéditos incluídos nesta coleetânea, não pretendem renunciar.

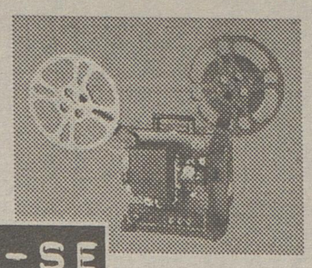
A escolha dos dezassete temas que compõem o álbum terá sido decerto dificil, tal como confessou o editor David Ferreira, feita apenas de meros gostos pessoais; porém, a inclusão de temas como "0 Pastor", "A Vaca de Fogo", "Ao Longe o Mar" ou "Haja o que Houver" é indiscutível.

"Antologia" é, sem dúvida, um trabalho incompleto, o esboço da evolução dos Madredeus, que reflecte não só as alterações na sua composição, mas também o próprio crescimento e enriquecimento musical dos elementos que os compõem, a que faltarão sempre outras canções, fruto de outras escolhas.

Ao largo ainda arde a Barca da Fantasia...

Tiago Marques

FeITaS



"Dancer in the Dark" - de Lars von Trier



"Dancer in the Dark é um dos melhores filmes do ano. Após o lançamento de "Selma Songs" - a belíssima banda sonora da responsabilidade de Björk -, gerou–se bastante expectativa em relação à obra. Algo perfeitamente normal que pode ser explicado por três razões: primeiro, trata–se de um novo filme do imprevisível Lars Von Trier; segundo, traz Björk num primeiro trabalho como atriz, tendo este sido galardoado em Cannes; terceiro, o filme foi vencedor da Palma de Ouro no já referido festival. A questão é que, de facto, as expectativas não saíram nem sairão goradas para a maior parte das pessoas.

Selma é uma emigrante checa e mãe solteira que trabalha numa fábrica de metalurgia na América rural dos anos 50. Com o passar do tempo, apercebe–se que está a ficar cega e que, a médio prazo, o seu filho sofrerá do mesmo mal. Procura então arranjar dinheiro para uma operação dispendiosa mas certos acontecimentos vão dificultar–lhe os planos. Perante um cenário extremamente negro, os musicais são o único antídoto para as desgraças que surgem em catadupa na sua vida. A Selma, resta apenas escutar ruídos do quotidiano para escapar à dor da cegueira.

Tendo–se proposto reinventar as regras do musical, Lars Von Trier assina uma obra singular mantendo as regras do Dogma 95, projecto em que está inserido. Jogando com a realidade e o sonho, este realizador oferece duas horas de cinema no seu estado puro. "Dancer in the Dark" é um drama com rasgos de musical que apela a todos os sentidos do espectador desde o primeiro minuto. A vida real de cores baças e movimentos de câmara bruscos encontra–se em constante conflito com as cores vivas dos musicais onde não acontecem coisas horríveis. Björk surpreende como atriz e contrói uma personagem fascinante e algo divina como já havia feito Emily Watson em "Ondas de Paixão". Inicialmente convidada apenas para compor a música do filme, acabou por aceitar o desafio da representação. Ao seu lado, encontram–se Catherine Deneuve, Peter Stormare ("Fargo"), David Morse ("Morse") e Jean Marc Barr ("Europa"), entre outros.

"Dancer in the Dark" é um filme extremamente emotivo cujo maior trunfo é a presença de Björk, quer no que diz respeito à personagem, quer no que toca à sua música. A mestria de Lars Von trier atrás da câmara e a sua dupla capacidade de comover e ser sádico são também evidentes factores positivos. Quanto à relação entre a atriz e o realizador é por demais conhecido o seu carácter conflituoso desde o início das filmagens em 1999. Talvez isso tenha contibuído para que a cantora afirmasse que esta era a sua primeira e última prestação como atriz de cinema.

"Dancer in the Dark" é um filme tocante, capaz de abalar o mais insensível dos seres humanos, encontrado–se novamente em exibição na cidade de Coimbra.

João Vaz Silva

a única real tradição viva, antologia da poesia surrealista portuguesa

organizada por perfecto e. cuadrado



- O que é o surrealismo?

- É a morte dos séculos projectando uma sombra muito longa debaixo da água do sonho.

(de um Cadáver Esquisito de Carlos Calvet e Mário Henrique Leiria, p.347)

Inserida na colecção "Obras Clássicas da Literatura Portuguesa", e com a qualidade gráfica que se reconhece à Assírio & Alvim, esta antologia oferece uma amostra significativa daquilo que foi o movimento surrealista português - e é na afirmação deste conceito algo controverso que se orienta o autor na tríplice introdução que abre o livro.

O nosso surrealismo, como se sabe, distancia–se do surrealismo francês, no qual de certo modo se inspira, não só pelo aparecimento tardio, mas também pelo modo original com que se forma e desenvolve. Se o primeiro manifesto do surréalisme, assinado por André Breton, data de 1924, o primeiro grupo surrealista português, o Grupo Surrealista de Lisboa, só se constitui formalmente em 1947, ainda que ao longo da década de 40 já tivesse tido reuniões frequentes. Para além deste primeiro grupo, constituído entre outros por António Pedro, Alexandre O'Neill e Mário Cesariny, formar–se-á um outro, com o abandono de Cesariny, que ficará conhecido por Grupo Surrealista Dissidente, onde circularão, para além dele, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Henrique Leiria e Cruzeiro Seixas, entre outros. No entanto, entre estes dois grupos não se discernem diferenças de relevo. O objectivo dos nossos surrealistas é exprimir livremente o pensamento, sem preocupações com a moral e com o controle nacional; mas não há uma base ideológica firme que os comande ("não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia", escreveria em manifesto António Maria Lisboa, p.14) e daí a hesitação em defini–los como pertencentes a um movimento. O próprio Cesariny, que se saldará como principal figura de proa do surrealismo português (uma vez que o grande Alexandre O'Neill se afastará dos modelos surrealistas), rejeita a categorização: "em Portugal, não é possível a existência de qualquer agrupamento ou movimento dito surrealista, mas [...] apenas poderão existir indivíduos surrealistas agindo, por vezes, em conjunto" (pp.15/16).

Por outro lado, o surrealismo português não apresentará os mesmos traços agressivos e subversivos que caracterizaram o surrealismo francês - nas palavras de António Maria Lisboa, "não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico)" (p.14). Digamos que a subversão se faz por um discurso inovador, que traduz um pensamento lateral que não pode coadunar–se, ainda que o não contrarie, com o pensamento dominante. Este discurso alicerça–se sobretudo nas pulsões do inconsciente e no valor da imaginação como re–interpretadora da vida e garante da liberdade do ser humano (aliás, não se pode compreender o surrealismo português sem ter em medida o papel das vanguardas modernistas e sobretudo do dadaísmo como forma de libertação do imaginário). As estratégias para alcançar estes objectivos passam pelo culto do automatismo (com a aplicação da célebre técnica da escrita automática, deixando fluir os pensamentos sem os controlar), do sentido oculto, do irracional, do absurdo, do non sense (e a este propósito observem–se os resultados da escrita a várias mãos nas composições colectivas a que se deu o nome de cadáveres esquisitos), enfim, de tudo o que, pelo estranhamento, possa auxiliar a construir mundos alternativos que dessacralizem a arte e transportem o onírico para o plano da representação.



Se é certo que, tal como afirma o autor desta antologia, ao se proceder ao estudo e análise do Surrealismo enquanto movimento historicamente situado tenha de se trair, em parte, "o seu espírito e a sua mais profunda significação" (p.26), é possível abstrairmo–nos da historicidade do movimento e fruirmos destes textos em sintonia com a intenção com que foram produzidos. Para o efeito, foram antologiados Mário Cesariny, Carlos Eurico da Costa, António Dacosta, Mário Henrique Leiria, Fernando Lemos, António Maria Lisboa, Alexandre O'Neill, Pedro Oom, Atónio Pedro, Henrique Risques Pereira, Fernando Alves dos Santos, Artur do Cruzeiro Seixas e Marcelino Vespeira (como bónus, cinco cadáveres esquisitos).

Gonçalo Duarte

Matemática em luta

A entrada de professores licenciados no quadro docente no ensino secundário de Matemática sem formação pedagógica está a preocupar os estudantes de matemática da Universidade de Coimbra. A desigualdade na colocação de professores entre os licenciados no ensino público e privado é outra das reinvindicações da manifestação marcada para o dia 14 de Dezembro.

O Governo pretende publicar no Diário da República, em Janeiro, um despacho normativo que admite a entrada de 1000 novos licenciados em engenharia.

A medida do Ministério da Educação é, para Sérgio Sanches, membro do Núcleo de Estudantes de Matemática, incompreensível, uma vez que "começa a haver excesso de licenciados em Matemática". O estudante de matemática acusa o Governo de, com esta medida, ceder a alguns "lobbies" de pressão da Ordem dos Engenheiros.

A colocação dos professores e o peso da nota de estágio é, na opinião dos contestatários, "desajustada e injusta". Nas universidades privadas com a sua autonomia, a nota de estágio pedagógico chega a ser metade da nota final, enquanto que no sistema público é de apenas 20%, uma vez que as notas de estágio são "um trampolim para as médias finais, os colegas das universidades particulares têm muito mais probabilidade de obter melhor nota", afirma Sérgio Sanches. A uniformização de critérios que abarque todos os licenciados é a solução apontada.

As acções concretas já começaram. Até ao fim de Dezembro vão ser enviadas cerca de 200 cartas por dia endereçadas ao Ministério da Educação. No dia 14 de Dezembro os estudantes de matemática vão fazer uma manifestação onde vão entregar uma petição à Delegação Regional de Educação do Centro e ao Sindicato de Professores.

JCS



Não será, porventura, perceptível à grande maioria dos atentos observadores aquilo que esta imagem representa. Efectivamente, por mais estranho, e à partida ilógico, que possa parecer, esta fotografia representa o interior da Secção de Jornalismo da AAC, a instituição produtora deste jornal, cujas paredes decrépitas apresentam actualmente uma amostra da muita chuva que ultimamente tem caído nestas paragens. Não pretendemos com esta imagem centralizar em nós um problema que, infelizmente, toca um pouco a todos dentro desta casa. E, enquanto vamos esperando pela há já muito ambicionada reestruturação e remodelação do edifício, talvez esta seja uma boa ocasião para lembrar o espírito autodidacta de cada um dos que, dentro das paredes da AAC e independentemente das condições em que o fazem, dão um pouco de si a uma casa que deles nada exige e que a eles (salvo alguns casos de carreirismo exacerbado) nada oferece, além da formação humana e o simples prazer pelo trabalho reconhecido.

Porventura, falta aos que muitas vezes questionam a credibilidade da AAC, confundido a instituição com processos eleitorais menos claros, escândalos da Queima ou equipas de carreiristas pró–taxo, a oportunidade de saber o que representa trabalhar na e, sobretudo, para a AAC, tendo a oportunidade de conhecer este edifício por dentro. E, de preferência, sem infiltrações...

Sérgio Alves

Prémios para o Desporto da AAC



Decorreu na passada Segunda–feira, no Centro Cultural D. Dinis, a IV edição dos Prémios Salgado Zenha, atribuídos aos atletas da Académica que mais se destacaram a nível nacional e internacional. A cerimónia começou com a distinção de 150 atletas que se revelaram campeões nacionais pela Académica, representantes das secções de basebol, basquetebol, boxe, desportos náuticos, halterofilia, judo, natação, radiomodelismo, rugby, ténis e voleibol.

Seguidamente, foram atribuídos os galardões Salgado Zenha. Os distinguidos foram João Viegas, da Secção de Desportos Náuticos, que foi considerado o Atleta do Ano, enquanto que o prémio Atleta Revelação do Ano foi ganho, ex aequo, por André Lopes, da Secção de Voleibol, e Nídia Oliveira, da Secção de Judo. Hernâni Folgado, treinador da Secção de Basquetebol venceu na categoria de Treinador do Ano. Os Dirigentes do Ano foram Amândio Boaventura Figueiredo, proposto pela Secção de Rugby, e Eduardo Cabrita, pela Secção de Ténis. A distinção de Secção do Ano foi parar às mãos da Secção de Basebol da AAC. Quanto às condecorações simbólicas, elas couberam a António José Mendes, praticante de badminton, que venceu o Prémio Carreira, e a Celso Baía, na mesma modalidade, que arrecadou o Prémio Dedicação. O Prémio Empresa foi atribuído a todas as instituições nomeadas, e um dos galardões mais aguardados da noite, o Prémio Prestígio, coube a Manuel António Leitão Silva, antigo atleta internacional da Secção de Futebol da AAC.

O prémio Conselho Desportivo foi atribuído a Rui Pereira da Costa e à equipa de basquetebol bicampeã nacional de 1948/50.

De destacar ainda a homenagem feita ao Departamento de Desporto Adaptado do OAF, cujos atletas conquistaram o 4º lugar na modalidade de Futebol de 7 nos Jogos Paralímpicos de Sidney 2000 e também o 2º lugar no Campeonato de Portugal de Boccia 2000. A cerimónia foi encerrada por Humberto Martins, presidente da DG/AAC, com o clássico FRÁ, não sem antes este ter agradecido a todos os atletas presentes, e em especial àqueles que integram o Departamento de Desporto Adaptado.

Cecília Santos

Coimbra recebe "Kartooners"

A livraria especializada em Banda Desenhada (BD), Dr. Kartoon, acolherá no próximo sábado,16 de Dezembro, um grupo de cartonistas portugueses.

Entre as actividades previstas para este evento, que terá início pelas 16h, destaca–se a apresentação dos mais recentes trabalhos de diversos autores e posterior sessão de assinaturas.

Este encontro contará com a presença de David Soares, autor de "Cidade Túmulo", e de Pedro Nora que, em produção conjunta com o primeiro, editou recentemente "Mr Burroughs". Ambos os trabalhos foram publicados pela editora Círculo de Abuso e distribuídos pela Wittlof.

A presença dos autores de "Tu és a mulher da minha vida, ela é a mulher dos meus sonhos", João Fazenda e Pedro Brito, está igualmente assegurada, sendo este último também destaque pelo seu recente trabalho "Nem carne, nem peixe". Ambas as obras foram publicadas pelas edições Polvo.

Júlio Pinto, falecido há cerca de um mês, não deixará de ser relembrado com a sua obra "Guarda Abília" (Editora Contemporânea), uma produção conjunta com o cartoonista Nuno Saraiva.

Além dos artistas referidos e respectivas obras, são ainda convidados Fazenda de Brito, Relvas, Horácio, André Carrilho e Marques Ferrajota, como legítimos representantes desta forma de arte.

Este evento proporciona aos amantes do "cartoon" uma óptima oportunidade para contactar de perto com os artistas, cujas obras seguem com especial atenção, dando–lhes ainda a hipótese de reflectir sobre esta actividade que assume uma importância crescente no nosso país, quer a nível do número de autores, quer do volume e qualidade dos trabalhos apresentados.

O convite está feito...

Pedro Miguel Ramos



a Rádio Universidade de Coimbra deseja a todos um feliz blá, blá, blá, e um próspero blá, blá, blá com 107.9 sempre no ar!

107.9 fm RUC rádio universidade de coimbra

www.ruc.aac.uc.pt